

FLUTUAÇÃO CATEGORIAL NA MORFOSSINTAXE DE *O CORONEL E O
LOBISOMEM*

por

PAULO ROBERTO BERNARDO DE SOUZA

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Língua Portuguesa da
Universidade Federal Fluminense como
requisito parcial para obtenção do Grau
de Mestre em Língua Portuguesa. Área
de Concentração: Estudos de Linguagem

Orientadora: Mariângela Rios de Oliveira

FLUTUAÇÃO CATEGORIAL NA MORFOSSINTAXE DE *O CORONEL E O LOBISOMEM*

PAULO ROBERTO BERNARDO DE SOUZA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Língua Portuguesa.

Aprovada em de setembro de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Mariângela Rios de Oliveira (UFF – Orientadora)

Prof^a Dra Lygia Gonçalves Trouche (UFF)

Prof^a Dra Maria Maura Cezário (UFRJ)

Prof^a Dra Victória Wilson (UERJ/FFP – suplente)

Prof^a Dra Rosane Monerat (UFF – suplente)

Niterói
2006

Aos meus pais, que fizeram o esforço do pelicano para que eu estudasse

À Sarinha, filha única em quem encontrei forças para viver, num momento difícil.

Apresento minha gratidão

A Deus, pelo Dom da vida e pela força nos momentos de deserto e angústia ao longo desse trabalho

À professora Mariângela Rios, por seu impressionante saber e pelo nível de exigência, que garantiram a qualidade da orientação

A todos os professores do Mestrado que me abriram novos caminhos para o conhecimento da Língua Portuguesa.

Aos colegas do curso, pela amizade e pela colaboração na troca de idéias.

Aos irmãos do Grupo Carismático Aliança, que oraram pelo êxito do trabalho.

*Língua minha, se agora a voz levanto,
Pedindo à Musa que me inspire e ajude,
Somente soe em teu louvor o canto,
Inda que a lira seja fraca e rude;
E tudo quanto sinto na alma, e digo,
Já que na alma não cabe,
Contigo viva e acabe – só contigo*

Ribeiro Couto (1898-1963), **Longe**

RESUMO

Com base em pressupostos da Lingüística Funcional, este trabalho faz a abordagem analítica de algumas relações funcionais, no âmbito da morfossintaxe na obra **O coronel e o lobisomem**, de José Cândido de Carvalho, que são singulares no funcionamento da língua portuguesa como meio de comunicação. Examina-se, assim, um tipo específico de discurso, uma representação da prática individual de uso lingüístico. Neste exame, privilegia-se a flutuação categorial, as construções marginais ou não-prototípicas encontradas com certa regularidade na referida obra.

PALAVRAS-CHAVE

Flutuação categorial; Morfossintaxe; O coronel e o lobisomem

RÉSUMÉ

Fondé sur des presuppositions de la Linguistique Fonctionnelle, cette recherche présente, dans le domaine de la morpho-syntaxe dans l'œuvre **Le colonel et le loup garou**, de José Cândido de Carvalho, un abordage analytique de quelques relations fonctionnelles qui sont tout à fait singulières dans le fonctionnement de la langue portugaise en moyen de communication. On examine alors un genre spécifique de parole, une représentation de la pratique individuelle d'emploi linguistique. Dans cette recherche on privilégie la fluctuation catégorielle, les constructions marginales ou bien non-prototypiques qui se trouvent dans l'œuvre avec une fréquence considérable.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. JCC E A IMPORTÂNCIA DE SUA OBRA.....	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
3. CATEGORIAS FORMAIS NA ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA.....	34
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
5. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	47
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
ANEXOS:	
Transcrição integral dos recortes destacados para análise.....	64

INTRODUÇÃO

A prática de uma reflexão da estrutura da língua portuguesa à margem da ortodoxia gramatical, ou ao menos à margem da ortodoxia gramatical “como lugar das certezas absolutas”; como fala Castilho (2001:22), tem sido cada vez mais freqüente. A reflexão valoriza o contexto pragmático-discursivo como conjunto de fatores que contribuem para a compreensão da língua como estrutura maleável, assim como os propósitos para as quais a linguagem é empregada.

No trabalho que agora iniciamos, procuramos seguir essa orientação do funcionalismo, optando por uma análise que contemplasse essa maleabilidade. Nosso interesse está concentrado nas estruturas lingüísticas da obra **O coronel e o lobisomem**, do autor fluminense José Cândido de Carvalho, naquilo que manifestam de hibridismo ou flutuação de categorias gramaticais, em relação às convencionalidades da gramática tradicional.

Os arranjos gramaticais e discursivos de José Cândido revelam um dos mais interessantes aspectos relacionados à língua, que é a capacidade que ela tem de “assumir formas diferentes em indivíduos diferentes e em situações ou épocas diferentes” (Martelotta, 2003, p.57). Esse aspecto, comumente conhecido como *fluidéz*, interessa, de modo particular, ao nosso trabalho, por achar-se relacionado a uma estruturação morfossintática que é resultado da língua em uso.

O que basicamente nos levou a escolher a obra **O coronel e o lobisomem** como *corpus* de análise neste trabalho foi a originalidade com que o autor José Cândido de Carvalho produz e reproduz os fatos da língua numa estrutura gramatical influenciada pela situação comunicativa. Esse é um dos aspectos mais importantes que tornam a referida obra um campo promissor para um estudo morfossintático da língua portuguesa, nos seus aspectos funcionais.

Na prática discursiva desse autor, os fenômenos morfossintáticos produzidos pelo talento artístico são mais do que meros elementos de organização lingüística; são ícones representativos de um aspecto funcional da linguagem. Exemplo disso se pode ver *nas seguintes* articulações em que se nota a iconicidade, respectivamente no aspecto funcional da linguagem e visão pessoal de mundo refletida na linguagem:

1. A velha muito prezou o meu severismo e prometeu torcer a orelha da abusada. (...). Por ser da pá-virada, foi remetida à madrinha, de modo a perder as

sapequices e o mal-educamento. Mas o que ela mais sabia fazer era tingir a cara de urucu e avantajar o atrás :

³/₄ Sem pejo maior ainda não vi (pág. 84)

2. Ponciano era todo bondade e uma coruja que desse o ar de sua graça não ia receber desconjuro. Digo mais – se não fosse possuído de autoridade militar, peito mais de mando do que para essas tetéias de sentimento, abria a goela em modinha daquela de meus tempos de serenata. Em verdade, nunca em tantos anos senti contentamento igual.

O título da obra em análise – **O coronel e o lobisomem** (doravante CL)– é prospectivo e traz em si dois limites da proposta do trabalho. De um lado, está a norma, a regularidade, os fatos, indicados pelo termo *coronel*. De outro, a irregularidade, o fortuito, o obscuro, de onde o autor resgata aspectos da linguagem que a aproximam da oralidade – indicados pelo termo *lobisomem*.

Com base na Lingüística Funcional, este trabalho tem como objetivo geral demonstrar, através de uma análise de flutuações categoriais na construção gramatical desse autor, a relação da estrutura sintática em constante mutação – conforme observam Furtado da Cunha et alii (2003) – com as vicissitudes do discurso. Com uma abordagem analítica de algumas relações morfossintáticas singulares no funcionamento da língua portuguesa como meio de comunicação em CL, examina-se a construção de uma representação da prática individual da língua – o discurso.

Como objetivos específicos, pretendemos apontar e analisar flutuações categoriais na sintaxe de José Cândido de Carvalho (doravante JCC) – em CL.

Partimos das seguintes hipóteses: (i) por articular um tipo de discurso muito específico e literário, dotado de forte marca de intencionalidade, as flutuações categoriais são articuladas nesse texto como suporte para a configuração do inusitado, concorrendo para a configuração das singularidades da expressão do autor; (ii) há forte iconicidade na relação forma e sentido em CL; (iii) há flutuações categoriais inusitadas em decorrência do uso.

Para o desenvolvimento do trabalho, adotamos as seguintes definições de termos-chave:

Flutuação categorial

É a expressão com que designamos as variações funcionais das categorias gramaticais, verificadas na sintaxe de JCC para representação do discurso em CL.

Nominalização

Fenômeno morfossintático que envolve o deslocamento de uma unidade gramatical, ou de um sintagma, de sua função prototípica para uma função desempenhada basicamente por substantivo.

Superposição categorial

Situação de migração categorial, sem perdas de traços prototípicos, causando uma situação de convivência de traços de distintas categorias.

Adverbialização

Fenômeno morfossintático que envolve um nome substantivo (ou termos substantivados), sem preposição regente, em função de advérbio. Esse tipo de flutuação se considera singular porque o substantivo não regido de preposição não funciona como advérbio. Por exemplo, o substantivo *pedra*, a não ser que esteja regido de preposição, não aparece em função adverbial.

Gramática

O termo *gramática* se emprega no seu sentido tradicional de sistematização de fatos de uma língua falada ou escrita, com base nos usos que os regem, no campo da fonologia, morfologia, sintaxe e do texto em geral.

Sintaxe

Sintaxe se deve entender aqui no sentido utilizado de relação funcional, dependência e ordenação entre termos e estrutura num período.

Função

Além do seu sentido de relação de finalidades que os termos estabelecem entre si na oração, *função* se entende, conforme Martelotta e Areas (2003, p.18/19), como certa relação entre sentido do termo e estruturas (de ordens distintas), ou entre sentido e o “papel desempenhado por um elemento estrutural no processo comunicativo, ou seja, a função comunicativa do elemento”.

É importante esclarecer que o termo *funcional*, utilizado para categorizar o ramo da lingüística de que estamos tratando, deriva da compreensão de que o termo *função* não se deve aplicar ao mero desempenho de um item lexical dentro de um sintagma, ou de um sintagma dentro de uma estrutura proposicional, como num sistema considerado em si mesmo.

Discurso

O termo *discurso* se emprega no presente trabalho no sentido de utilização individual e criativa da linguagem. Essa utilização individual da linguagem, no caso específico desta proposta, constitui-se na obra CL, sua configuração morfossintática, seu modo de organização lingüística.

Pragmática

Em nosso trabalho, utilizamos o termo *pragmática* no sentido restrito de “Ramo da lingüística que estuda como os enunciados comunicam significados num contexto” (Trask, 2004, p.232, s.v. **pragmática**)

Organização funcional

Organização funcional se emprega em nosso trabalho em relação a iconicidade, para expressar certa circunstanciação conceitual na relação direta entre a forma de uma palavra e seu significado.

Síntese discursiva

Emprega-se síntese discursiva no sentido específico de sintagmas oracionais que se substantivam com o recurso de hifens, para estabelecer sintaticamente uma correlação com um termo anterior de base nominal.

Para orientar a seqüência do trabalho, decidimos por estruturá-lo em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos traços biográficos de José Cândido de Carvalho, ressaltando a importância de sua obra.

No segundo, procuramos expor, a partir da bibliografia selecionada, fundamentação teórica e pressupostos teóricos que orientaram a análise realizada. Conforme já deixamos dito, esses pressupostos se baseiam na Lingüística Funcional, cujas postulações abriram o caminho para o exame dos fenômenos selecionados entre a forma lingüística e o seu conteúdo no romance do autor.

No terceiro, apresentamos as categorias formais na organização discursiva, ou seja, o processo de formação de palavras, já que trabalhamos essencialmente com o que se aproxima do fenômeno conhecido como *derivação imprópria*.

No quarto capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que adotamos para desenvolvimento de nossa pesquisa, comentando a opção de um *corpus* literário e seleção de recortes para análise.

No quinto capítulo, analisam-se cerca de trinta recortes de CL. Através deles, se procura analisar os fenômenos a que já nos referimos (margens e flutuações categoriais e funcionais), do ponto de vista morfossintático, na discursividade locutória do coronel Ponciano de Azeredo Furtado e da atividade interlocutória da *gente do coronel*.

Por fim, apresentamos considerações conclusivas a respeito das análises realizadas.

1. JCC E A IMPORTÂNCIA DE SUA OBRA

O autor JCC

José Cândido de Carvalho nasceu em Campos, Rio de Janeiro, em 5 de agosto (se bem que registrado em 15 de agosto) de 1914.

Por causa da doença do pai, José Cândido de Carvalho estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde trabalhou por breve tempo como estafeta na Exposição Internacional de 22. De volta a Campos, retomou os estudos em escolas públicas, trabalhando como cobrador numa empresa, e como ajudante de farmacêutico.

Na revolução de 1930, com apenas 16 anos de idade, José Cândido de Carvalho iniciou sua primeira experiência como jornalista no jornal *O Liberal*, num cargo de revisor. Cerca de nove anos mais tarde, iniciou atividade regular como redator e colaborador em diversos periódicos, entre eles a *Gazeta do Povo* e *O Dia*, onde comenta política internacional. Em 1943, a convite do então governador Amaral Peixoto, veio para Niterói para dirigir *O Estado*, um dos mais importantes periódicos fluminenses.

Outros cargos eminentes coroaram a carreira de José Cândido de Carvalho: dirigiu a revista *O Cruzeiro*, a Rádio Roquette Pinto e o Serviço de Raiodifusão Educativa do MEC. Foi presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro; presidente da FUNARTE; presidente do Instituto Municipal do Rio de Janeiro (Rioarte).

Jornalista de formação, José Cândido de Carvalho publicou *Olha para o céu, Frederico*, 1939; *Porque Lulu Bergantim não atravessou o Ribucam*, 1970; *Um ninho de marfagafe cheio de marfagafinhos*, 1972; *Ninguém mata o arco-íris* (coletânea de artigos jornalísticos), 1972; *Manequinho e o anjo de procissão*, 1979, obras em que revela a sublimidade comunicativa que o singularizou como um dos mais profundos escritores do Modernismo brasileiro.

O discurso simples, sem erudição, de JCC confirma a consonância de sua obra com a proposta do Modernismo brasileiro que consistia basicamente na criação de uma língua brasileira que incorporasse elementos da oralidade, aproximando texto literário e fala popular. Estas propostas eram parte do projeto nacionalista dos escritores da primeira geração modernista, capitaneados por Mário e Oswald de Andrade.

A verbalização de José Cândido de Carvalho é comparada por Gilberto Amado (Amado, 1969) a pinceladas surrealistas numa tela de pintor *pompier* (que quebra tudo

que estava na lógica acadêmica). O que Rachel de Queirós chamou de *rabos e chifres de sufixo*, Gilberto Amado chamou, carinhosamente, de “Verbalização abstrusa na apresentação da figura do sertão num tom de extrema comicidade, num mundo estrambótico... Tudo isso não raro obras-primas do gênero”.

E aconteceu aquele natalício movimentado a pastéis e guaraná no Hotel Palmeiras, com Dona Juributina de Sousa dentro do melhor vestido e jorrando pelos desvãos o melhor extrato. (Porque Lulu não atravessou o Rubicam, 2ª ed, José Olímpio, pág. 3).

Todavia, foi com o romance *O coronel e o lobisomem*, 1964, que José Cândido de Carvalho atingiu a consagração. O livro, que alcançou cerca de quarenta edições, rendeu ao autor prêmios importantes como o *Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro, prêmio *Coelho Neto*, da Academia Brasileira de Letras; prêmio *Luísa Cláudio*, do Pen Club do Brasil. Por fim, o livro rendeu ao autor a cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras.

Para Rachel de Queirós (1965, p. XI).

Com *O coronel e o lobisomem*, dizia Rachel de Queirós, José Cândido de Carvalho deu nova vida ao regionalismo brasileiro. Até então não parecia que alguém querendo apresentar o homem do interior, sua vida, seus amores, suas lendas e problemas, teria que inventar fórmula diferente, porque o velho romance regional, o velho conto, supostamente não tenham mais nada para dar /.../ E vem agora José Cândido de Carvalho provar que, havendo crânio, alento, boa boca, nenhum assunto está esgotado ou morto.

Tendo sido influenciado por Guimarães Rosa, José Cândido conserva em seu estilo certos traços do escritor mineiro, conforme observa o crítico Sérgio Gonzaga (*Online* www.terra.com.br/litertura/litcont_7.htm)

Diferenciando-se de *Grande sertão: veredas* pelo final trágico, *O coronel e o lobisomem* apresenta algumas características semelhantes às do romance de Guimarães Rosa: a linguagem marcada pela variante caboclo-sertaneja e a presença de seres míticos como sereias e lobisomem. Em termos de sua estrutura narrativa é de se destacar o fato de Ponciano contar sua própria história, inclusive a loucura final, o que, em se tratando do romance tradicional, é um absurdo. Por outro lado é interessante sublinhar que, de todas as obras da chamada nova narrativa, *O coronel e o lobisomem* é uma das mais conhecidas e lidas, por ser extremamente interessante e atraente.

Das poucas análises publicadas sobre a obra, uma delas define com precisão o aspecto contraditório do personagem central:

O herói de José Cândido de Carvalho poderia ser definido como um coronel decadente que, num tempo que não é mais o seu, se debate entre a atração de um agrupamento semi-urbanizado e racionalizado (Campos dos Goitacazes) e a vida do mundo perdido do interior, mundo este ainda estruturado em bases mítico-sacrais, no qual o lobisomem e a sereia são aceitos como seres naturais, reais, que integram o acontecer normal da existência.

No entanto, embora ambos retratem a fala sertaneja em arranjos morfossintáticos singulares, no discurso de JCC os itens lexicais empregados estão mais próximos do sentido comum. Nisto se destaca de Guimarães. Nesse escritor mineiro, o caráter metafísico da prosa caipira – e conseqüentemente o obscurantismo na relação forma e sentido – é a marca mais importante.

Para Alfredo Bosi (Bosi, 1994, p.428),

Menção especial merece José Cândido de Carvalho que conseguiu, em *O Coronel e o Lobisomem* (1964), captar os conflitos e os anseios de um homem de mente rústica sem cair na cilada que espreita as tentativas desse gênero, isto é, sem enrijecer a sua personagem no puro tipo, o que, aliás, lhe seria fácil realizar com brilho, dados os pendores do ficcionista para explorar a linguagem verdadeiramente clássica sem deixar de ser moderna.

José Cândido de Carvalho faleceu em Niterói no dia 1^o de agosto de 1989

Importância da obra

Não é fácil compreender a escassez de ensaios críticos sobre a obra *O coronel e o lobisomem*, nos últimos quinze anos. A obra alcançou um destaque notável, tendo despertado o entusiasmo de gente como Raquel de Queirós, Érico Veríssimo, Ariano Suassuna, Humberto Sales, Gilberto Amado, entre outros. As cerca de quarenta edições entre 1964 a 1991, datas da primeira e da última edição, colocam a obra de JCC entre as mais vendidas, e lidas, de todos os tempos em nossa literatura.

Essa marca incomum de edições e vendagem da obra rende, com justiça, a JCC um lugar na Academia Brasileira de Letras. Poucas obras da literatura brasileira superam essa marca, e o livro é traduzido para o alemão, o francês e o espanhol.

JCC revigora com genialidade a utilização popular da língua na zona rural fluminense, criando um espaço para língua em uso na literatura, sem prejuízo da alta qualidade que foi mantida e que foi notada por Érico Veríssimo (Bernd, 1997, p. 6).

Ao pôr em prática seus arranjos lingüísticos, o autor coloca igualmente em prática um pouco da complexidade da estruturação sintática da língua falada. Através de um ato discursivo centrado no sujeito, é possível reconhecer o que Preti (2004, p.134) chama de “um vocabulário comprometido com a fala simples”, próprio de um autor que tenta criar a realidade de um narrador popular.

Escrita vinte e cinco anos depois do primeiro romance de JCC, a obra-prima CL revela em sua estrutura discursiva um amadurecimento da observação do autor sobre maleabilidade da língua na prática cotidiana. O encadeamento dessas práticas, e o

conjunto delas, geram as características que inscrevem JCC na literatura modernista como um autor singular.

Nesta obra, o autor parece ir além do propósito ideológico do Modernismo, que consistia basicamente num rompimento com estruturas lingüísticas clássicas e conseqüente aproximação entre língua literária e língua popular. Em vez de explícito rompimento, o clássico em CL é manipulado em forma de regionalismos, num aspecto lingüístico que põe à amostra a maleabilidade a que já nos referimos. Mais do que fruto de uma experiência ou uma visão de mundo, as estruturas gramaticais de CL revelam uma prática de categorias que variam de acordo com a megalomania do coronel Ponciano de Azeredo e com os hábitos de sua gente.

Assim, tanto no ambiente textual (contexto discursivo) quanto na situação comunicativa (na megalomania do coronel e nos hábitos de sua gente), as categorias transpõem-se freqüentemente, abrindo uma margem categorial e funcional de grande interesse para o estudo do aspecto funcional das estruturas gramaticais da obra.

Ao lado da magia das hipérboles e eufemismos que se empregam para, respectivamente, realçar as qualidades e suavizar os defeitos do coronel “invencioneiro e linguarudo”, esse tipo de utilização individual da língua destaca, no cenário modernista, a importância de uma obra que, provavelmente sem rompimentos, aproxima modelo clássico e popular.

Segundo Arnaldo Niskier (Folha de São Paulo, 19.05.04), que conviveu com JCC na Academia Brasileira de letras

Neste ano o jornalista, contista e romancista José Cândido de Carvalho estaria completando 90 anos. Seus amigos, dentre os quais me incluo, sentem falta do convívio alegre que mantinha com todos. Vale recordar a sua grande realização, o livro "O Coronel e o Lobisomem", que teve a sua primeira edição em 1964.

[...] Escrito na primeira pessoa, ao mesmo tempo em que enfoca os contrastes das vidas rural e urbana, toda a trama se desenvolve em torno do que poderíamos chamar de sobrenatural, fantástico, absurdo, místico e/ou misterioso. Essa característica já fez com que o nosso escritor fosse comparado aos grandes mestres da literatura latino-americana, como Gabriel García Márquez e Vargas Llosa, que privilegiam a magia em suas obras, vide "Cem Anos de

Solidão", de Márquez, com a sua enigmática Macondo. A obra também nos leva a algumas lembranças de Guimarães Rosa, em particular "Grande Sertão - Veredas".

No livro de Zé Cândido, a história do coronel Ponciano de Azeredo Furtado é contada por ele mesmo. Dono de fazendas no interior do Estado, abastado, mas apaixonado pelos acontecimentos da cidade e pelos negócios, ele procura, sem muito sucesso, conviver também no meio urbano. O resultado dessa luta interna, dessa contradição, não foi nada gratificante para o nosso herói (ou seria o anti-herói, como Macunaíma, de Mário de Andrade). Ponciano acaba sendo duramente nocauteado pela vida, enlouquecendo e perdendo a fortuna.

É por essas e por outras que o acadêmico Carlos Heitor Cony considera Zé Cândido "um dos nomes mais importantes da literatura brasileira de todos os tempos.

Para Antônio Olinto (Tribuna da Imprensa, RJ, 21.01.04), outro acadêmico da Academia

Tem uma arquitetura própria e, junto com ela, uma qualidade que define todo bom romancista: a concepção, o ter um padrão pelo qual sua narrativa segue, o produzir o sentimento do pathos, isto é, aquele oculto desespero que mora no fundo de cada ser humano. Contudo, seu livro "O Coronel e o lobisomem" não deixa de ser alegre, com uma utilização das palavras como significando mais do que parecem capazes. Surrealista? Claro, mas de um surrealismo que não se esconde, que se apossa das palavras e joga-as para o ar, funâmbulo que, por brincar com elas, domina-as.

Havia, em José Cândido, uma percepção nítida e clara das realidades da ficção, num entendimento direto de um mundo que, sendo de fora, se oferece, maleável, ao manuseio do romancista. Num espaço de teor surrealista, nada é propriamente sagrado e tudo pode levar a um sorriso. Daí o ser "O Coronel e o lobisomem" um romance que faz rir. O que sugere uma ligação entre o Sargento e o Coronel está na qualidade que também era a de Stendhal. Explico: eles não se apegavam ao enfeite, ao excesso de adjetivos, à desconversa enfim.

Diziam o que tinham de dizer, narravam o que tinham de narrar, com uma extrema economia de palavras.

Hoje, a quarenta anos de seu lançamento, podemos sentir, mais do que então, de que maneira "Coronel e o lobisomem" nos representou e nos representa como pertencentes a uma sociedade nova de gente, com hábitos próprios, capaz de erguer um arcabouço novo de palavras, e de com elas criar um estilo que passa a pertencer à linguagem de um país no seu viver a vida e no desenvolvimento de sua capacidade de sonhar.

Os torneios de linguagem que, tanto nos diálogos como nas descrições de cenas, José Cândido usa, mostram que, nas mãos de um mestre, as palavras que empregamos descuidadamente no dia-a-dia, podem revelar-se como profundamente inseridas no que somos, partes de nós, lucidamente nós.

Entre as comemorações pelos 40 anos da publicação de "O Coronel e o lobisomem", destaca-se o ciclo de conferências a se realizar na Academia Brasileira de Letras, a cuja cadeira nº31 ele pertenceu. Seminários e debates ocorrerão em Campos, sua terra natal, e em várias Faculdades de Letras do País. Seria indispensável também que se fizesse uma boa reedição de seu romance.

Embora tenha sido produzida numa época de turbulência e repressão política, a obra de JCC não continha uma crítica intencional. Segundo Laura Carvalho, filha do autor, o próprio JCC descreve do seguinte modo a inspiração de sua própria obra, em entrevista à revista Manchete, 1984:

O Coronel é pura invenção; é o resultado de uma série de Coronéis e homens da roça que conheci resumidos num só personagem. Um coronel daquele jeito não existe na vida real. Há no entanto, alguns fatos da vida real que incorporei ao universo do coronel Ponciano. Quando menino, viajando de Campos para Santo Amaro, vi um sujeito meio aloprado pagar passagem para um sabiá de estimação e não deixou ninguém sentar no lugar do pássaro. O coronel Ponciano, na sua decadência, quando retorna ao Sobradinho também leva um

passarinho e não deixa ninguém sentar no lugar. Mas acho que
as coincidências param por aí

O enredo

Ponciano Azeredo Furtado, personagem-narrador, é um sujeito falastrão que relata com hipérboles as próprias proezas. Ao longo dos primeiros capítulos, conta como venceu um sujeito truculento, num circo, com um cinematográfico rabo-de-arraia. Ficou rico com a herança deixada pelo avô, o velho Simeão, tornado-se coronel e *advogado* influente no Foro, onde atua. Narra ainda como enfrentou uma onça pintada, em companhia do capitão Zuza Barbirato, homem destemido e habilidoso na arte de caçar. Quando o bicho aparece, o capitão foge amedrontado, e só o Ponciano *permanece* para o confronto, que acaba frustrado por um garoto impertinente.

Há ainda nos primeiros capítulos o confronto do coronel com o **ururau** (jacaré gigante) e com a surucucu, igualmente gigantesca, que chega a ameaçar a própria cidade.

O coronel Ponciano não se casa, embora tivesse assediado diversas mulheres: Alonsa dos Santos, Beatriz de Melo, Isabel Pimenta e Esmeraldina. Permanece solteiro, porque é assim que convém a um homem de sua estirpe, que precisa de tempo para enfrentar como *advogado* grandes desafios no Foro. O êxito infalível é fruto de sua grande dedicação.

Quando se separa do sócio, e passa a administrar sozinho os negócios, o coronel se enriquece. Todavia é enganado por falsos amigos e forçado a voltar desiludido para a fazenda, onde vive até o final de sua vida.

“Romance escrito em primeira pessoa, diz Proença (1985, p. xv), conserva em primeiro plano ao narrador, Coronel Ponciano, que herdou fazenda, mexeu com açúcar no mercado da Bolsa, mas que, apesar de tudo, é um tipo decadente: não em pessoa, mas porque representa uma estrutura agrária sem saída na sua organização arcaica. A figura do avô, cuja pecuária se pode chamar de indústria extrativa, tem as patentes da Guarda Nacional, titulando uma aristocracia de donos e não de usuários da terra. Morrendo, deixa a fortuna para o neto, moço rico, que a pequena cidade, com o seu ambiente de subserviência diante do dinheiro e do nome, a sua mesquinhez e a sua ignorância, utiliza”.

No confronto com o lobisomem – capítulo 7 e 8, temos uma amostra do arranjo morfossintático da obra:

(...) Inquiri dentro do regulamento militar:

¾ Quem vem lá?

De resposta tive novo assobio. Num repente, lembrei estar em noite de lobisomem – era sexta-feira. Tanto caçoei do povo de Juca Azeredo que o assombrado tomou a peito tirar vingança de mim, como avisou sinhozinho.(...) Sujeito de patente, militar em serviço de água benta, carecia de consentimento para travar demanda com lobisomem ou outra qualquer penitência dos pastos (...)

Já um estirão era andado quando, numa roça de mandioca, adveio aquele figurão de cachorro, uma peça de vinte palmos de pelo e raiva. (...) O luar era tão limpo que não existia matinho desimportante para suas claridades – tudo vinha à tona de quase aparecer a raiz. Aprovei a manobra da mula na certeza de que lobisomem algum arriscava sua pessoa em tamanho carrascal. Enganado estava eu. Atrás, abrindo caminho e destorcendo o mato, vinha o vingacista do lobisomem.(...)

Dei um pulo de cabrito e preparado estava para a guerra do lobisomem. Por descargo de consciência, do que nem carecia, chamei os santos de que sou devocioneiro:

¾ São Jorge, Santo Onofre, São José!

Em presença de tal apelação, mais brabendo pareceu a peste. Ciscava o chão de soltar terra e macega no longe de dez braças ou mais. Era trabalho de gelar qualquer cristão que não levasse o nome de Ponciano de Azeredo Furtado. Dos olhos do lobisomem pingava labareda, em risco de contaminar de fogo o verdal adjacente. Tanta chispa largava o penitente que um caçador de paca, estando em distância de bom respeito, cuidou que o mato estivesse ardendo. Já nessa altura eu tinha pegado a segurança de uma figueira e lá de cima, no galho mais firme, aguardava a deliberação do lobisomem. Garrucha engatilhada, só pedia que o assombrado desse franquia de tiro. Sabidão, cheio de voltas e negaças, deu ele de executar macaquices que nunca cuidei que um lobisomem pudesse fazer. Aquele par de brasas espiava aqui e lá na esperança de que eu pensasse ser uma súcia deles e não uma pessoa sozinha. O que o

galhofista queria é que eu, coronel de ânimo desenfreado, fosse para o barro denegrir a farda e deslustrar a patente. Sujeito especial em lobisomem como eu não ia cair em armadilha de pouco pau. No alto da figueira estava, no alto da figueira fiquei. Diante de tão firme deliberação, o vingativo mudou o rumo da guerra. Caiu de dente no pé de pau, na parte mais afunilada, como se serrote fosse:

¾ Raque-raque-raque.

Não conversei – pronto dois tiros levantaram asa de minha garrucha. Foi o mesmo que espalhar arruaça no mato todo. Subiu asa de tudo que era bicho da noite e uma sociedade de morcegos escureceu o luar. No meio da algazarra, já de fugida, vi a lobisomem pulando coxo, de pernil avariado, língua sobressaída na boca. Na primeira gota de sangue a maldição desencantava, como é de lei e dos regulamentos dessa raça de penitentes. No raiar do dia, sujeito que fosse visto de perna trespassada, ainda ferida verde, podia contar, era o lobisomem. Mas com todas essas vantagens da guerra, o encapetado já em retirada, ainda dilatei minha estada no galho da figueira. No alto o luar vigorava com toda a força e foi na claridade dele, passado um quarto de hora, que deixei a segurança do pé de pau. Pois bem não tinha firmado botina no barro, pulou aquele bichão despropositado diante de mim. Veio talqualmente um trem de ferro, bufando e roncando. Só tive tempo de largar o corpo de lado enquanto aquele montão de malvadez passava em vento de raiva, de fazer um veredal na montaria. De tanta vingança cega era movido que na marrada embarçou o pé na tal armadilha de embira-de-corda, do que adveio aquela ofensa:

--- Vai embargar a mãe

Perseguido e ferido a tiros, o *brabento* é aprisionado pelas mãos de Ponciano; implora perdão e o obtém, permanecendo com vida após os rituais de esconjuro. Esse procedimento é também representativo da completude da grandeza do coronel Ponciano.

O desfecho da obra revela um desdobramento curioso que coloca o romance de José Cândido em relação de intertextualidade com *Memórias Póstumas de Braz cubas*,

de Machado de Assis. Descobre-se ao final que o Coronel Ponciano pode, segundo alguns críticos, ter realizado todas as suas *proezas* depois de morto.

O discurso do protagonista-narrador, Ponciano de Azeredo Furtado, caracterizado por uma morfologia e uma sintaxe original, cria e relaciona realidade objetiva e espaço psicológico, através de uma tipologia frasal incomum. A força da seqüência lingüística torna *real* a mitologia do lobisomem, ao mesmo tempo em que expõe o caráter do coronel: é homem cheio de bazófia, preocupado em ostentar virtudes que não tem.

A estrutura lingüística da obra, que lembra a fala distensa não inteiramente submetida às normas da gramática tradicional, é o ponto de partida do processo de significação com que trabalhamos na recorrência dos fenômenos morfossintáticos que selecionamos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo expomos e discutimos as postulações teóricas que fundamentam as análises que realizamos em CL. De início, apresentamos uma visão geral do funcionalismo, para em seguida expor a vertente funcionalista específica, cujas orientações utilizamos para a realização de nosso trabalho. A natureza das pesquisas realizadas, ou seja, a transposição de categorias no discurso, ajustam-se a um modelo teórico ou a uma abordagem funcional da linguagem.

O funcionalismo

Na linguística, *funcionalismo* é o termo com que se descreve uma abordagem que, na descrição da estrutura linguística concentra-se nos propósitos para os quais a linguagem é empregada. Trata-se de uma abordagem não apenas da estrutura linguística, mas de uma combinação entre essa estrutura e a investigação das funções enquanto meio de comunicação social.

Inspirada nas teorias da Escola de Praga, o funcionalismo estabeleceu sua fundamentação teórica e definiu sua abordagem geral, se bem que já representa em si mesma um avanço em relação ao chamado Círculo de Praga; este apenas principiava na ocasião o reconhecimento da língua como instrumento de comunicação, e não considerava exclusivamente a questão do uso.

Visão funcionalista de Bolinger

Bolinger desenvolveu um trabalho considerado interessante que mostra como a entonação e a linguagem gestual influenciam a comunicação. Suas teorias destacam uma relação entre entonação de tópicos e comentários. Segundo Macedo (1988, p.77), este autor defende uma correspondência biunívoca entre a forma e função, com um enfoque sobre as nuances semânticas no uso das formas em vários contextos. “Mostra, por exemplo, que existem motivações pragmáticas para a escolha de nomes versus pronomes em vários contextos, num trabalho no cenário da época, em seu país”. O funcionalismo de Bolinger influenciou autores como Robin Lakoff, Gumperz, Chafe, Fillmore, que são alguns dos funcionalistas que têm influenciado pesquisadores no Brasil.

A visão funcionalista de Halliday

De Halliday o funcionalismo pós-moderno herdou a visão de uma gramática mais voltada para uma mensagem organizada em sua função comunicativa: o significado advém do uso que se faz da linguagem.

É dentro desta visão que Halliday detalha um estudo que define textualidade como uma organização de sentido com valor de uma mensagem completa e válida, mas sempre dentro de um contexto social. Esta postulação pressupõe um entrelaçamento entre unidades linguísticas em uso, semântica, sintaxe e pragmática.

Segundo Matelotta e Areas (2003, p.21), foi através de Halliday nas escolas de Londres que se desenvolveu “uma tendência a estudar as línguas de um ponto de vista funcional, com uma gramática funcional baseada no funcionalismo etnográfico e no contextualismo de Malinowski nos anos 1920”.

A contribuição de William Labov

A postulação teórica de Labov está em relação com o funcionalismo porque parte de um estudo da língua com base unicamente em dados reais, observados dentro de contexto social. Para este autor, a atuação de fatores sociais e lingüísticos pode ser medida numa determinada metodologia quantitativa.

A Sociolingüística de Labov legou à lingüística funcional o que viria a ser uma de suas bases mais importantes: o empenho na análise dos fenômenos da língua numa situação real de uso. Semelhante compreensão foi trazida pelo autor através de uma série de investigações que fez, a respeito de certas variações lingüísticas e de como o sujeito do discurso utiliza a língua.

A visão funcionalista de Talmy Givón

Talmy Givón, um dos principais figuras do funcionalismo norte-americano, é provavelmente o linguista que maior influência teve sobre o funcionalismo brasileiro com um modelo funcionalista, a princípio rígido, particularmente centrado em um grupo de funções de ordem cognitiva como a marcação e a iconicidade. Diz-se particularmente centrado em funções cognitivas porque, ao lado destas, Givón se ateve também a

funções de ordem comunicativa como grau de transitividade, relação figura-fundo, grau de topicidade e contraste.

Mais recentemente, este lingüista lançou novos paradigmas teóricos que representam avanço e amadurecimento em relações às bases mais rígidas lançadas na década de setenta. Numa resenha da obra *Functionalism and Grammar* (1995), de Givon, Votre e Oliveira (1997) afirmam que o livro

Representa uma versão modalizada e equilibrada do funcionalismo lingüístico na vertente givoniana. A obra oferece uma visão global desta corrente contemporânea, cobrindo praticamente todas as áreas de investigação no novo paradigma: história e autocrítica, marcação, tipologia, modalidade, estrutura do sintagma verbal e das relações gramaticais, gramática no texto, coerência no texto e na mente, e evolução da língua, da mente e do cérebro.

Das palavras como *visão global em novo paradigma*, conclui-se um refinamento dos novos postulados teóricos, em relação aos lançados na fase inicial, nos anos setenta. Segundo os autores da resenha, neste novo manifesto político do funcionalismo

Estão lançadas as bases de uma teoria lingüística mais madura e reflexiva em relação à sua fase inicial. De movimento radical, no fim da década de 70, fundamentado em pressupostos rígidos que procuravam detectar, na estrutura discursiva, gramatical e semântica das formas da língua, motivação funcional, o funcionalismo nos anos 90 passa por refinamento, em que se redimensionam seu paradigma teórico e suas metas empíricas.

Outras influências importantes

Outros nomes como Wallace Chafe, Sandra Thompson, Charles Li e Paul Hopper marcaram os rumos do funcionalismo brasileiro. São pesquisadores da Universidade de Santa Bárbara que, no entender de Macedo (1988), “podem ser visto

com discípulos de Givón”, já que “também procuraram mostrar que os fenômenos formais são decorrentes de fatores do contexto”.

Nota-se que o procedimento de investigar os fenômenos formais [morfológico e sintático] como decorrentes do contexto formal, nos termos da semântica e da pragmática é comum a todas as abordagens funcionalistas. Equivale isto a dizer que a investigação dos fatos da língua – e das relações sintagmáticas desses fatos – faz-se em associação com a situação comunicativa.

A questão da iconicidade e da marcação

A questão da iconicidade e marcação é um dos pontos mais importantes de linha de orientação que extraímos da lingüística funcional para a realização de nosso trabalho, em virtude da possível relação entre a natureza desses fenômenos e a dos fenômenos que analisamos. Nossas análises estão baseadas numa observação da língua do ponto de vista do contexto lingüístico e da situação comunicativa. Através delas apontamos para a mutabilidade da estrutura sintática, as vicissitudes do discurso e a concepção da língua como instrumento de comunicação não-autônomo, maleável, que se modifica à pressão da interatividade humana.

Iconicidade

Além da correlação entre sintaxe, semântica e pragmática, a lingüística funcional destaca a correlação entre forma e função, entre expressão (código lingüístico) e seu conteúdo (designatum). É o princípio da iconicidade, que confirma de certa forma que a língua, ao estabelecer contato efetivo entre as pessoas, reflete a estrutura da experiência. A iconicidade recupera e atualiza a algum tipo de motivação entre o código e o designatum. É igualmente através desse princípio da iconicidade que a lingüística funcional aborda certos aspectos da relação entre quantidade de informação e quantidade de forma, entre proximidade cognitiva e integração no nível da codificação, e entre a informação mais importante e sua ordenação na cadeia sintática, para destaque de certa ordem de importância

Daí os três subprincípios que se relacionam à quantidade de informação, ao grau de informação e à ordenação linear dos segmentos.

De acordo com Furtado da Cunha *et alii* [2003:32]

Segundo o *subprincípio de quantidade*, quando maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Isso significa que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão. Aquilo que é mais simples e esperado expressa-se com mecanismo morfológico e gramatical menos complexo.

O *subprincípio da integração* prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto.

O *subprincípio da ordenação linear* diz que a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado revela sua ordem de importância para o falante.

Marcação

Outro princípio utilizado pelo funcionalismo é o da marcação. Utiliza-se esse princípio como critério importante de observação de recorrência formal e seu grau de complexidade na estrutura da língua. Diz-se *marcada* uma forma ou estrutura que ocorre raramente e que tende a ser cognitiva (i.e. no processo mental) e estruturalmente mais complexa. As formas ou estruturas mais frequentes e menos complexas dizem-se, lingüisticamente, *não marcadas*.

Segundo Givón (*apud* Cunha et al. 2003, p. 34:35),

Uma mesma estrutura pode ser marcada num contexto e não marcada em outro (...) dependendo do contexto (...). A marcação é assim um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos

Em virtude da capacidade que tem de passar uma noção significativa de recorrência, a questão da forma não marcada/marcada constitui-se uma via importante

da pesquisa funcionalista a respeito de itens lexicais ou sintagmas que variam ou preservam-se no tempo e no espaço. O conteúdo marcado tende à estabilidade, por tratar-se de forma com carga semântica preservada no tempo e no espaço, e de forma mais distante da influência dos afetos, como acontece com as formas mais recorrentes (não marcadas).

Nota-se que a base da linha teórica funcionalista, sobretudo no que diz respeito à análise de estruturas gramaticais, está na relação semântica-pragmática-contexto discursivo, conforme enfatiza Furtado da Cunha (2000, p. 55). Para essa autora

O funcionalismo representa uma tentativa de explicar a forma da língua através do uso que se faz dela. A idéia central é que a língua é usada, como o é, para satisfazer necessidades comunicativas. Assim, ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas lingüísticas, seus contextos específicos de uso.

A abordagem é semântica na medida em que se ocupa do significado da estrutura lingüística e seus contextos específicos de uso. É pragmática na dimensão discursiva, isto é, na dimensão em que o significado, conforme afirma Trask (2004, p. 262), “resulta da interação entre forma lingüística de um enunciado e o contexto em que ele é usado”.

Para os funcionalistas, uma abordagem da língua se concebe em geral numa interdependência entre a articulação sintagmática das categorias gramaticais, o processo de significação textual e a pragmática. A articulação das categorias gramaticais (sintaxe) é investigada pelo funcionalismo lingüístico com base na significação textual (semântica) e na relação entre a palavra portadora de significado e seus emissores/receptores (pragmática).

Na concepção da gramática tradicional, prefere-se a investigação da sintaxe “a partir da estrutura e do significado das orações isoladas, excluindo falante, ouvinte e contexto discursivo das orações” (Furtado da Cunha, 2000, p. 55/56). Ainda que um pouco vago, esse perfil metodológico atribuído à gramática tradicional é um dos pontos de partida do questionamento funcionalista. Deve-se olhar com desconfiança a sistematização dos fatos da língua, numa ótica unicamente prescritivista, por não refletir esta, em geral, um esforço de interpretar-se os fatos através do uso que se faz deles.

Uma ótica unicamente prescritivista representa, segundo Castilho(2001, p. 22), uma transferência de nossa capacidade de reflexão para o autor de uma gramática. “Parece-me fundamental, afirma Castilho, a convicção de que a gramática não é senão um debate contínuo, alimentado por dados, hipóteses, perguntas nelas fundamentadas e respostas que abrem novas perspectivas de indagação, e assim por diante” (Castilho, 2001, p 220). Postula-se na teoria de Castilho uma abordagem funcional da linguagem e uma gramática que deve ver-se com *emergente*.

Com esse interesse investigativo que vai além da sistematização gramatical, já se entrevê uma concepção da língua como instrumento de interação social que vai diferenciar a abordagem funcionalista das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo. (Cunha et alii, 2003, p. 29). Entretanto, não se deve pensar necessariamente em organizações epistemológicas opostas. São apenas relações diferentes: o funcionalismo relaciona estrutura gramatical e situação comunicativa, enquanto que o estruturalismo relaciona unidades isoladas – morfemas, palavras, sintagmas, frases, orações, períodos – que se opõem num sistema.

Uma visão orgânica do estudo da língua singulariza a metodologia funcionalista. O eventual isolamento da sintaxe, semântica ou pragmática – tal como se observa em algumas correntes lingüísticas – não se sustenta quando se trata de pensar a comunicação entre indivíduos no seu aspecto prático. A análise dos fenômenos deve ter como ponto de partida o plano discursivo criado nas tensões naturais do relacionamento humano, e não apenas na estrutura lingüística em si mesma.

Para isso, é preciso como que sair da língua como mero sistema, para analisar a língua como produto das vivências humanas. Embora a língua tenda evidentemente a ser estrutura, é só no uso como produto de vivências humanas que ser considerada o fator primordial que provê ao sistema forma seqüencial (sintaxe) e sentido (semântica).

Pode-se provavelmente afirmar que o enfoque básico do funcionalismo é a relação entre estrutura gramatical e a situação comunicativa, com maior interesse no desempenho sócio-interativo dos fatos da língua do que na prática individual deles. Nas palavras de Macedo (1998, p.73).

Na área da linguagem, o ponto de central do enfoque funcionalista é o fato de ser a estrutura da gramática interpretada como resultado de funções de outras esferas,

especialmente os níveis cognitivos e comunicativos. O que se procura é mostrar de que modo a estrutura gramatical espelha a situação comunicativa. O que se procura é mostrar de que modo a estrutura gramatical espelha a situação comunicativa.

Categorização e protótipos

A postulação teórica funcionalista identifica-se com processo mental de edificação e nomeação de valores morfológicos e semânticos como pertencentes a uma determinada categoria. Esse processo, ligado à capacidade cognitiva, é a *categorização*.

De acordo com a lingüística cognitiva, o processo de categorização está baseado em modelos prototípicos, representativos mentais daqueles valores morfológicos. Daí a noção bastante clara de que as categorias lingüísticas apresentam uma estrutura baseada em *protótipos* [modelos típicos com melhor capacidade representativa], conforme Taylor (1995). Esse encaminhamento teórico aproxima lingüística cognitiva e lingüística funcional, uma vez que a teoria dos protótipos propõe uma análise com base na observação do uso da língua, ao contrário da abordagem formalista, não orientada pragmaticamente.

A noção de *melhor capacidade representativa* indica que as unidades prototípicas são categorizadas mais rapidamente do que as não-prototípicas e por isso mesmo são mais facilmente assimiladas. São pontos de referência cognitiva.

Em nossa pesquisa, partimos da observação do uso para uma categorização com base nos *modos de significar* de uma determinada classe gramatical. Partimos de exemplares menos idôneos de uma categoria como *emboramente, traquinista, defeitura, covardismo, cativoso, desbenefícios, humanal*.

- Bondade dele, *emboramente* tivesse eu inclinações pelas rixas da justiça. Pág. 18
- Foi minha mão botar o *traquinista* em lugar seguro e de logo, no seu imediato, aquela manta d'água aparecer e tudo afundar pág. 21
- Língua chorona, vista que só via *defeitura*. pág. 21
- Sempre incriminei barbaridade e *covardismo* pág. 21
- Diante de jeito *cativoso*, o vizinho de novo ganhou alento pág. 30
- E por cima de tais *desbenefícios* a costa soprou seus ventos brabos pá.32

- E mais: como sou sujeito *humnal*, levantei o ânimo dele. Pág. 100

Humanal, por exemplo, é tão adjetivo quanto *humano*, mas está mais distante do modelo típico considerado de melhor capacidade representativa que é *humano*. As unidades não prototípicas são, em nosso trabalho, os traços inerentes à nominalização e adverbialização que mostramos no processo de derivação imprópria ou conversão, caso em que uma categoria flutua para transformar-se em outra, sem uma distinção formal entre a base e o derivado.

No contexto discursivo é possível deduzir outros elementos (como gestos e entonação) que contribuem para o processo de categorização ou funcionam como organizadores das categorias.

A questão da prototipicidade é particularmente importante, porque no *corpus* que analisamos procuramos demonstrar que nas flutuações categoriais, ou seja, na mudança de categoria, de significado e de padrão flexional, o termo que migra (base) conserva traços prototípicos originais.

3. AS CATEGORIAS FORMAIS NA ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA

A classe dos nomes

Nome é o termo da língua portuguesa que tem a propriedade de representar a categorias de *substantivo* [parte do discurso que inclui palavras como *livro, edifício, esperanças*], *adjetivo* [parte do discurso que inclui palavras como *belo, imponente, tranqüilo*]. e o *advérbio* [parte do discurso que inclui palavras como *contrariamente, cedo, aqui*], termo não incluído no conceito amplo dos nomes pela tipologia latina.

Esse modelo de caracterização nominal aponta a natureza semântico-sintática desta categoria nominal. O nome substantivo tem parte de sua integridade categorial garantida pelo artigo no seu papel de substantivar qualquer termo adiante dele e regido por ele. Equivale isto a dizer que a característica do substantivo é funcional, ou seja, depende em boa parte do contexto.

Ao comentar o papel das classes substantivo e adjetivo no conceito amplo de nomes, Mattoso Câmara (1985, p.71) observa que:

A diferença entre elas era fundamentalmente de emprego sintático. Os substantivos eram nomes em função de centro (ing. *Head*) de uma construção sintática dentro da oração. Os adjetivos eram nomes que se reportavam aos substantivos e indicavam essa dependência pela sua “concordância” com o respectivo substantivo, isto é, uma apresentação, por desinência, das mesmas categorias de caso, de número e de gênero, que o substantivo possuía implícita ou explicitamente.

A classe do substantivos

O *substantivo* é uma categoria dita *primária*, também chamada *nuclear*, que representa uma substância (matéria, forma) passível de variações. Caracteriza-se por ser não-determinante e determinado pelo artigo, pelo verbo (com que desempenha uma

função de sujeito) e pelo adjetivo (que lhe determina a função nuclear). De acordo. Lopes (2003, p.169)

O substantivo é uma função estrutural primária que pode ser assumida tanto pelo nome quanto pelo pronome, e, como tal, será *comum* (o que tem o mínimo de compreensão e o máximo de extensão, a exemplo de *árvore*); *próprio* (o que tem o máximo de compreensão e o mínimo de extensão, a exemplo de *Brasil*); *antropônimo* (qualquer nome de pessoa); *topônimo* (qualquer nome de lugar); *concreto* (o que tem existência própria, a exemplo de *anjo*); *abstrato* (o que tem existência em outro ser, a exemplo de *beleza*); *individual* (o que indica apenas uma unidade, a exemplo de *boi*); *coletivo* (o que mesmo no singular indica pluralidade, a exemplo de *boiada* e do partivo *maioria*).

A classe dos adjetivos

O *adjetivo*, assim como o verbo, é categoria secundária que funciona como acidente da substância, ou seja, como determinante do substantivo com o qual concorda e desempenha uma função periférica.

Uma dos caminhos mais proveitosos de compreensão do adjetivo e de sua relação determinante é a delimitação de seu papel quanto à *extensão* do nome substantivo (capacidade que o substantivo tem de nomear o maior número possível de seres) e *compreensão* desse mesmo nome [capacidade que o substantivo tem de englobar características].

No primeiro caso, o adjetivo tem, segundo Lopes (2003, p.170), um valor semântico *restritivo*. No segundo, tem valor *explicativo*, aumentando a compreensão do nome substantivo.

A classe dos advérbios

O *advérbio* pode ver-se como categoria terciária, também periférica, que se caracteriza por circunstanciar o SV e, em alguns casos, o adjetivo. Pode assumir a função de vocábulos denotativos, caso em que se chamam advérbios de intensidade e em que podem modificar, além do adjetivo, um outro advérbio.

A classe dos nomes, a mais ampla classe de vocábulos, representa uma realidade extralingüística que envolve o homem e se opõe a vocábulos de significação interna, gramatical, como os pronomes. Os nomes, em função respectivamente central, periférica e circunstancial, distinguem-se no emprego morfossintático.

A classe dos artigos

Artigo é o termo da língua portuguesa que se caracteriza pela incidência semântica sobre o substantivo. Antepõe-se a este individualizando-o, particularizando-o ou generalizando-o, de modo determinado ou indeterminado. Daí a noção de *artigo definido* e *artigo indefinido*.

É observável nesta categoria a sua dimensão adjetivante, em virtude da incidência sobre o substantivo. É nesta dimensão que desempenha, como categoria relacional, uma função de adjunto adnominal, própria de adjetivo.

A classe dos verbos

O *verbo* tem, como os nomes, uma significação externa com carga semântica que o liga ao universo simbólico, mas difere-se dele principalmente em virtude de sua complexidade no mecanismo flexional, de seu papel fundamental na estruturação oracional e de sua capacidade de representar, como vocábulo conjugável, os seres num processo representado.

Diz-se *classe dos verbos* do ponto de vista morfossintático, caso em que o vocábulo aparece em sua forma não-nominal [cantaria, entrego, falarei, ensinava]. Do ponto de vista funcional é categoria relacional do discurso, se ocorrer numa de suas formas nominais, caso em que pode transformar-se contextualmente em substantivo [*Navegar é preciso*], adjetivo [cabelo *ajeitado*] ou advérbio [*Abandonou a sala reclamando*].

Morfologicamente, pode apresentar-se o verbo como *primitivo* [fazer], derivado [desfazer] e composto [tem feito]; sob a forma de voz passiva [foi feito], locução verbal [andam fazendo]. Semanticamente pode ser verbo de ação [pintar], de processo [amanhecer], atividade [correr] e acontecimento [escorregar]

Sintaticamente, um dos aspectos mais interessantes desta categoria é a questão da auxiliaridade. Representam essa auxiliaridade verbos como *ter*, *haver* e outros que passaram por processo de gramaticalização, todos aspectuais, que se juntam a outros ditos principais no infinitivo, particípio ou gerúndio: *pôs-se a chorar*, *tenho cantado*, *anda rezando*.

O *verbo*, assim como os adjetivos, é categoria secundária que funciona como acidente da substância, ou seja, como determinante do substantivo com o qual concorda e desempenha uma função periférica.

A classe do pronomes

Num sentido amplo, *pronome* é a categoria que inclui palavras como *eu*, *tu*, *ele*, *meu*, *essa*, *aquela*, que mantém um contato com o *nome*, e que são também portadores da propriedade de representar as categorias de *substantivo*, *adjetivo* e *advérbio* no arranjo discursivo. Entretanto, não *nomeia* propriamente o ser. Sua função básica restringe-se a apontar ou mostrar algo da situação textual, e não de si mesmo

Num sentido restrito, como afirma Trask (2004, p.241),

Os pronomes são reconhecidos como uma parte do discurso distinta das demais desde épocas antigas. Essencialmente, o pronome é uma única palavra, ou raramente uma forma mais longa, com pouco ou nenhum sentido próprio, que funciona como um *sintagma nominal* completo.

A classe dos conectivos

Conectivos são vocábulos da língua que se caracterizam pelo não-estabelecimento de contato com uma realidade extralingüística. São vocábulo ditos *internos* ou *gramaticais*. São eles a *preposição* e a *conjunção*.

Nas relações dos enunciados, tem a preposição a função de relacionar subordinativamente dois termos, enquanto que a conjunção acumula a função de coordenar duas ou mais ocorrências de uma mesma categoria sintática ou de subordinar duas ou mais ocorrências de categorias sintáticas diferentes. Daí a nomeação da gramática tradicional de *conjunção coordenativa* e *conjunção subordinativa*.

Comentário à parte merecem o *que* e *se* que alguns lingüistas põem numa classe à parte, de *contemporizadores*, mas que são tratados pela gramática tradicional como conjunções ditas *integrantes* em seqüências como estas: *Esperamos **que** ele venha, Não sei **se** escola está aberta.*

A classe dos numerais

Embora defendam alguns lingüistas que o numeral não se constitui uma classe de vocábulo à parte, preferimos seguir aqui a sistematização da gramática tradicional, sobretudo porque nossa intenção não é propriamente um estudo sobre as classes gramaticais. Desejamos apenas registrar noções das categorias gramaticais, já que trabalhamos com elas em nossa pesquisa.

De acordo com Jota (1981, p. 229), numeral é o “nome que designa o número de unidades; ou o número propriamente dito (cardinal), ou o número de ordem (ordinal) ou o número de vezes que uma coisa contém noutra (multiplicativo) ou se contém noutra fracionário.

As interjeições

Segundo alguns lingüistas, as interjeições não deveriam ser inseridas entre as classes gramaticais, por constituírem *classe* com o sentido gramatical que se tem atribuído ao termo. Segundo Carone (1995, p.47)

As interjeições (Tesnière, 1969, p.98) não são um tipo de vocábulo, embora a gramática oficial se afeire à tradição e as considere uma décima classe de palavras. Não são vocábulo porque, não se constituindo de morfema, desconhecem a articulação mórfica (primeira articulação); apresenta apenas a articulação fonológica (segunda articulação) e, por vezes, até configurações fonemáticas insólitas na língua.

Assim, *ai, ui, epa, oba* não são morfemas, nem contêm morfemas. Poderão ser vocábulos se ocorrerem em um contexto sintático específicos como “meus ais de amor”, em que *ais* tem gênero, número, um radical, e é núcleo de um sintagma nominal. Não é interjeição.

As interjeições são, na verdade, um tipo rudimentar de frase, sem estrutura mórfica ou sintática; mas são dotadas de entonação vária, que as torna capazes de exprimir modalidades diversas: interrogativa (*hem? Ahn?*). imperativa (*psit!, cht!*), optativa (*Oxalá*), exclamativa (*epa!, oba!*), negativa (*hum-hum, ahn, ahn*).

Processos de formação de palavras

O conjunto de palavras de uma língua pode ampliar-se dinamicamente através dos seguintes processos, sistematizados pela gramática tradicional: *derivação* e *composição*.

Sobre a derivação - particularidades

O modo inusitado como os processos de formação de palavras foi utilizado em nosso *corpus*, de um modo especial a *derivação imprópria*, torna importante o registro de algumas particularidades a respeito do assunto

Derivação prefixal e sufixal

O ponto de partida desta modalidade de derivação é uma palavra ou base já existente, à qual se acrescenta um afixo para formar uma outra palavra (dita derivada), por derivação prefixal ou sufixal, conforme seja o afixo acrescentado à base já existente: **desleal**, **lealdade**. A respeito do processo formativo por prefixação, é observável que não há consenso entre os autores. Alguns há que entendem que a prefixação é um processo de composição, e não de derivação, com base no argumento de que as preposições são, em sua maioria, preposições e advérbios latinos. Deste modo, devem ver-se como palavras, o que torna tênue a barreira entre derivação e composição.

Luft (1975, p.69), seguindo a Said Ali, reafirma por razões didáticas a prefixação no processo de derivação. Afirma o autor que

Didaticamente, é a melhor maneira de classificar, associando sufixação e prefixação, pois não parece lógico “atirar para campos opostos os sufixos e os prefixos, duas idéias que necessariamente se associam no espírito infantil” (Otoniel Mota, ap. A. Nasc. LNGB, s.v. *Derivação*)

Estrutura de flexão

O sistema flexional da língua portuguesa herdou do latim boa parte dos mecanismos gramaticais de ampliação e renovação lexical. Segundo Combra (Combra,1981,p.295), em latim uma palavra era formada por *derivação* quando ao seu radical se acrescentava um sufixo. Por exemplo, em palavras como *regina, regnum, regnare, regalis, regalitas, regere, regimen, rectus* temos o radical *reg* acrescidos de sufixos.

Dizia-se que uma palavra era formada por *composição* “quando além de ser acrescentar ao radical um sufixo, antepõe-se-lhe também algum prefixo. Assim de *reg-* temos estas palavras formadas por composição: *cor-rec-tus, in-cor-rec-tus*, etc.[Combra 1981, p. 295]. Nesse tipo de formação latina, os sufixos têm um papel preponderante de revelar o sentido fundamental. O radical indica o sentido genérico.

Pode-se afirmar que o português herdou boa parte desse quadro morfológico, porque nossa sistematização – de modo especial a da NGB – em geral inclui no rol da derivação tanto as palavras formadas por prefixação quanto as formadas por sufixação. Nivelam-se os morfemas afixais provavelmente porque os prefixos já não são sentidos como advérbios e preposições, como ocorria em latim, garantindo uma autonomia semântica; estão mais para partículas gramaticais, sem significação externa!

Em nosso *corpus* ocorrem derivações prefixais e sufixais inusitadas, como *desbenefício* ou *vingacista*, formas que seriam provavelmente criticadas por serem não-padronizadas, ou seja, por não levarem em consideração a posição sistêmica ortodoxa que cria – e preserva – uma linguagem pragmática que apresenta como referência.

Na discursividade de José Cândido de Carvalho flexões nominais como as que citamos acima são comuns, porque são fruto de uma linguagem que nasce estritamente de um conceito que o sujeito principal do discurso, o coronel Ponciano de Azeredo Furtado, faz da realidade. Sua padronização morfossintática é fruto de sua própria experiência de mundo. Sua produção lingüística – como toda produção dessa natureza – se reforça por entonações, gestos e outros recurso que têm propriedades categorizantes no discurso. A qualquer estruturação mórfica prototípica de substantivos, adjetivos ou advérbios, acrescentam-se morfemas livremente, sem um rigor semântico. Servem de exemplo da derivação em CL os seguintes casos:

[1] Simeão, sujeito *severoso*, veio de Sobradinho aquilatar o grau de safadeza do neto.
Pág 7

Repare-se em que o sufixo *oso* [lat. *osus*, v.g. *copiosus*], que se emprega com o sentido de *abundância*, reforça *severo* de modo inusitado numa tradução do sentimento do sujeito. Não há compromisso com o sufixo propriamente, conforme se pode confirmar em [2] abaixo, em que o mesmo adjetivo aparece numa outra estruturação mórfica:

[2] Lacrava a porta com essa ponderação *severista*... pág. 7

Em [2], o sufixo *ista* [grego *istés*], que expressa a noção de *partidário* e se ajunta apenas a substantivo aparece na frase alterando um nome adjetivo, realçando um princípio de liberdade flexional na prosa de JCC. Esses sufixos, como outros, são livres na discursividade do autor e podem aparecer em qualquer lugar. Fenômeno de mesma natureza se vê nesta outra passagem:

Voltou ao seu natural *sem-vergonhista*.(157)

Uma conjunção, por exemplo, de valor claramente concessivo, pode aparecer com o sufixo modalizante *que*, na oposição sistêmica ortodoxa, só se emprega para formação de advérbio [como em [3] abaixo]. Entre muitos outros caso que exemplificam a linha de inversão e liberdade recorrente em CL, listamos os seguintes:

[3] Bondade dele, *emboramente* tivesse eu inclinações pelas rixas da justiça. Pág. 18

[4] Foi minha mão botar o *traquinista* em lugar seguro e de logo, no seu imediato, aquela manta d'água aparecer e tudo afundar pág. 21

[5] Língua chorona, vista que só via *defeitura*. pág. 21

[6] ...Até tirar dele confissões e *segredagens*. Pág. 21

[7] Sempre incriminei barbaridade e *convardismo* pág. 21

[8] Diante de jeito *cativoso*, o vizinho de novo ganhou alento pág. 30

[9] E por cima de tais *desbenefícios* a costa soprou seus ventos brabos pá.32

[10] Fui chegando e requerendo as *pormenorizagens* de tal moléstia que fazia e acontecia. Pág.32

[11] E mais: como sou sujeito *humnal*, levantei o ânimo dele. Pág. 100

Na derivação idealizada de CL, mesmo um nome substantivo pode parecer com uma desinência verbal. É o que ocorre em no exemplo abaixo:

[12] E na cara da campeirada *exemplei* o vizinho...pág. 30

Derivação imprópria

Derivação imprópria é a criação de uma palavra que resulta da passagem de uma unidade lexical para uma outra classe de palavras. Também chamado de *conversão*, é processo que transcorre sem acréscimo ou perda de elementos. Caracteriza-se essa derivação, basicamente, (i) pela mudança de categoria, de significado e normalmente de padrão flexional; (ii) pela ausência de adjunção de um afixo; e (iii) pela ausência de distinção formal entre a base e o derivado.

Em CL, essas transposições de categoria acontecem com grande frequência, como efeitos discursivos conscientes, na forma de nominalização e adverbialização

Derivação regressiva

Processo de formação que consiste formar uma palavra nova pela supressão de terminação verbal. Em geral, a palavra resultante é um substantivo abstrato, também chamado *deverbal* por ser originário de um verbo.

Derivação parassintética

É o processo de formação de novo vocábulo pelo acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo (como partícula descontínua, não-dispensável) a uma base já existente, como em **entardecer**. Note-se que nenhum dos afixos de *entardecer* pode dispensar-se sem que disto resulte uma forma inaceitável. Este detalhe, que caracteriza notavelmente a parassíntese, é também o que diferencia este processo do processo comum de formação por prefixação e sufixação. Essa forma de transposição de categoria nominal para verbal realça a força de significação da flexão do verbo; o prefixo *en* de

entardecer, assim como os outros prefixos da parassíntese (a-,em-, es-) tem, de acordo com Martins (2000, p. 122.), um papel puramente gramatical, não-expressivo

Sobre a composição

Justaposição

Um dos processos de formação mais recorrentes em CL é o da composição, na forma de justaposição. Os casos recorrentes são, em sua maioria de cunho popular, caracterizado pela superposição da motivação semântica em detrimento da motivação morfológica. São casos em que o composto condensa às vezes uma inteira frequência frasal, como no seguinte caso: E ligeirinho, *com-licença-coronel*, *venho-já-coronel*, *sumiu na escada* (pág. 78)

Ao abordar o assunto, Martins (2000, p. 123) afirma:

Um composto pode condensar uma frase feita, uma locução popular ou usual, como nesses exemplos de Pedro Nava: Não digo isto como moralista nem roncando de *catolicão-já-era*” (*Balão cativo*, p.308), *Era domingo-de-sol-fora...* (*Balão cativo*, p. 332). Torna-se pois difícil distinguir os compostos por justaposição das locuções ou frases feitas que têm uma unidade de sentido: sujeito *de maus bofes* (mau), médico *das dúzias* (sem valor), negócio *da china* (bom), menina *do chifre furado* (levada), mulher *de cabelinho nas ventas* (brava), homem *de duas caras* (falso), etc. A grafia é variável, ora se escrevendo as palavras separadamente, ora se ligando por hífen.

Aglutinação ou amálgama

Outro aspecto interessante da composição é a *aglutinação*, caso em que uma palavra é formada através da junção de duas outras que se amalgamam com perda de elementos mórficos, como em *planalto* e *aguardente*.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Decidimos utilizar a princípio uma única obra de JCC – *O coronel e o lobisomem*, em que levantamos exaustivamente os casos que demonstram a flutuação categorial – nosso objeto de estudo. A escolha de uma única obra é aqui indicativo de que nossa análise é qualitativa, com ênfase na análise textual, e não quantitativa.

O método de exploração da obra consiste numa seqüência de recortes que separamos e analisamos, sempre numa relação língua-contexto-situação comunicativa, para chegar a uma descrição de funcionamento da prática discursiva de CL e então confirmar a hipótese que levantamos.

Em cada uma das passagens selecionadas, destaca-se em negrito o item ou itens lexicais em que ocorre a flutuação das categorias.

Na parte final da dissertação, encontra-se a lista de todas as estruturas analisadas, disposta na mesma ordem da análise

O corpus

Conforme já deixamos dito, nosso *corpus* é extraído do romance CL de JCC. Ao introduzir os regionalismos da fala popular, rural, em sua produção, JCC revela um aspecto funcional da língua que nos interessou particularmente. Na sintaxe do autor ocorre uma relação inusitada na relação entre forma e sentido, recriada em função da megalomania do coronel Ponciano que é um elemento importante na relação autor com o sujeito leitor.

É o caso em que a força do ato discursivo vai do material estruturado em categorias lingüísticas para a situação comunicativa. Não se trata apenas de uma relação entre forma e sentido – de onde tiramos os pontos específicos para nossa investigação lingüística – mas de sentido recriado pela índole do coronel Ponciano

A articulação morfológica e sintática, ou seja, o mecanismo gramatical de que o autor se utiliza é a fonte aonde fomos buscar os fenômenos morfossintáticos que analisamos no presente trabalho. A fonte é literária, mas nossos estudos se limitam ao campo lingüístico; limitam-se à análise de determinados aspectos funcionais da língua nessa obra literária.

Explora-se na obra de JCC sobretudo a liberdade da retórica e da morfossintaxe popular. Em outras palavras, explora-se a maneira pela qual as categorias gramaticais

são trabalhadas e tratadas, sem qualquer prejuízo para a compreensão do sujeito-leitor. Neste trabalho, isolamos fenômenos lingüísticos de estrutura e flexão, relações nominais, função e regência, circunstância do processo verbal, relação forma-sentido que apontem, sempre numa relação morfossintática, para flutuações categoriais e funcionais.

5. ANÁLISE DO *CORPUS*

O processo discursivo em **O coronel e o lobisomem** é um conjunto complexo de significação, criado nas tensões interativas. Nessas tensões, o autor, segundo palavras de Queirós (1965)

Vira e revira a língua, arrevesa as palavras, bota-lhe rabo e chifre de sufixo e prefixo, todos funcionando para uma complementação especial de sentido, sendo, porém, que nenhum provém de fonte erudita, ou não falada: nenhum é pedante ou difícil, tudo correntio, tudo gostoso, nascido de parto natural, diferente só para maior boniteza ou acuidade específica.

O autor passeia entre as categorias gramaticais, quase que eliminando barreiras entre classes como substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, preposições. A reestruturação nas categorias gramaticais e a relação particular dessas categorias na frase criam as peculiaridades comunicativas que despertaram nosso interesse de pesquisa, as quais comentamos a seguir:

Processo de nominalização

1 De noite, depois do enterro, que foi cerimônia de ser vista e ouvida, jantei tristeza na mesa larga do Sobradinho. Pág. 16

De um caráter marcado em relação ao seu uso regular, o item *tristeza* revela na estrutura acima um movimento transpositivo de categoria. Transposto, o termo não exclui de seu desempenho funcional adjuntivo um certo valor adverbial, de uso regular, esperado, em que *tristeza* (precedido de preposição – *com tristeza, em tristeza*) se relaciona periféricamente com o verbo *jantei*, como uma locução modalizante. Na riqueza da estrutura gramatical, o termo se nominaliza, flutuando do que seria uma função prototípica periférica para uma função complementar, própria de nome substantivo, como objeto.

Trata-se, provavelmente, de caso em que a relação forma e sentido se compreende mais amplamente se incluirmos uma relação indireta entre a palavra analisada e suas possibilidades polissêmicas. Nessa relação indireta, a forma *tristeza* assume, ainda, uma noção modalizante.

2 Nesse entrementes, eu já graúdo de quinze anos, uma tosse-comprida jogou a prima Sinhá na cama, do qual sofrimento nunca mais saiu” (pág.5)

O sintagma pronominal destacado acima apresenta na estrutura gramatical uma forma relativa, afastada como se vê de seu uso prototípico. Esse sintagma marcado cria uma codificação morfossintática que acena para a noção de que a gramática é algo que deve ver-se como emergente, isto é, como algo que sofre a pressão do uso, algo que não se consubstancia numa estrutura rígida, estática, mas que se amolda às necessidades comunicativas reveladas num contexto específico.

No emprego do pronome em forma de locução, ocorre flutuação categorial porque o sintagma *o qual*, que tem prototipicamente valor substantivo (mesmo valor do termo que retoma), se emprega com valor adjetivo correspondente a *cujo*, e sem o antecedente de uso regular (*Uma tosse-comprida jogou a prima Sinhá na cama, de cujo sofrimento nunca mais saiu*, isto é, *do sofrimento da tosse comprida*).

Esta forma de emprego afeta a peculiaridade do pronome relativo de desempenhar o duplo papel de *pronome* e *conjunção subordinativa*. Na estrutura de JCC, o pronome parece não ter uma relação anafórica clara com um antecedente, como ocorre nos empregos não-marcados do sintagma *a qual*. Em consequência, a oração introduzida pela locução não chega, aparentemente, a desempenhar uma função inteiramente clara de adjetiva restritiva.

Caso semelhante ocorre em (3), abaixo:

3 Logo pensei no surucucu que de uma feita picou a perna do raçudinho e da qual ofensa ele nunca mais esqueceu.(pág. 165)

De outra natureza é o desdobramento semântico-pragmático que se tem, distintamente, em (4) abaixo, em que o termo assinalado parece indicar na estrutura um fenômeno ligado a certas particularidades discursivas.

4 Trato as partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual porte, abro o peito:... (pág.3)

A observação da flutuação categorial que ocorre na seqüência acima – transposição de *nome adjetivo* (= em jeito *macio* de moça) para nome substantivo – não oferece provavelmente grandes dificuldades de análise. No entanto, em termos funcionais, o fenômeno ressalta a tenuidade das margens categoriais numa linguagem cuja estruturação gramatical parece atender às referidas particularidades discursivas.

Em tal dimensão pragmática, essa flutuação da unidade marginal (posição prototípica do termo analisado) para unidade central revela que a tenuidade das margens entre as categorias gramaticais é também sua riqueza. As formas correspondentes não-marcadas mais comuns e possíveis para o termo *macio* – (i) Trato *macio* as partes, em jeito de moça, (ii) Trato as partes *macio*, em jeito de moça, (iii) Trato as partes em jeito *macio* de moça, (iv) Trato as partes em jeito de moça, *macio* – clareiam uma relação opositiva que ajuda a ver em (4) um determinado grau de funcionalidade na língua utilizada, em que o adjetivo e substantivo se interseccionam na formação de uma expressão de valor adverbial

Notam-se na estrutura os três critérios mais importantes na distinção de categorias marcadas e categorias não-marcadas, estabelecidos, segundo Furtado da Cunha et alii (2003:34), pelo princípio da marcação:

(i) o princípio da *complexidade estrutural*, segundo o qual a estrutura marcada implica maior complexidade estrutural: em nosso texto a flutuação categorial de *macio*, de sua categoria e função prototípicas (adjetivo) para a categoria e função de substantivo revela esse primeiro critério de distinção das categorias marcadas.

(ii) o princípio da *distribuição de freqüência*, segundo o qual a estrutura marcada tende a ser menos freqüente do que a estrutura não-marcada correspondente: o termo *macio*, transposto como está revela uma estrutura acima tende a ser menos freqüente do que as estruturas correspondentes não marcadas que mostramos acima.

(iii) o princípio da *complexidade cognitiva*, segundo o qual a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, envolvendo fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento: a própria análise que realizamos demonstra a complexidade cognitiva desta estrutura, já que as análises envolveram fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento.

5 Já morreu o antigamente em que Ponciano mandava saber nos ermos se havia uma caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a ministrar. (pag. 3)

Diferentemente da amostra anterior, aqui a flutuação parte do advérbio para o substantivo. Trata-se de caso representativo de diversos outros da mesma natureza, recorrentes na estruturação em CL.

Nesta amostra, a migração de uma categoria prototípica de advérbio para a categoria de nome substantivo torna-se um dos recursos característicos da tessitura discursiva em CL.

Um dos principais efeitos funcionais na transposição analisada é a de que um termo de valor prototipicamente adverbial aparece desempenhando função de sujeito, sem, contudo, despir-se de todos os traços prototípicos da classe fonte – a de advérbio. Permanecem traços semânticos da adverbialidade de *antigamente*, o que permite que a seqüência seja também entendida como: *Já morreu o mandar saber [Ponciano] se havia antigamente nos ermos caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a administrar*. Como resultados, tem-se uma construção marcada por certo hibridismo categorial que produz um interessante e inusitado efeito de sentido.

6. Sobreveio disso uma frouxidão de todas as minhas forças, uns esfarinhamentos de todo o meu por dentro. (pág.105)

De valor adverbial em seu uso prototípico, os termos grifados migram para a categoria de substantivo no discurso de CL. A flutuação produz um sintagma marcado, um todo vocabular de natureza substantiva, antecedido de dois determinantes (**o** e **meu**), que desempenha na correlação sintática a função de complemento do nome *esfarinhamentos*.

7. Em ponta de pé, atrás de Dona Esmeraldina, eu ganhava o jardim. Pelos corredores, sem testemunhas de acusação, eu podia apreciar o vaivém que os por-baixos da moça faziam nos panos.(pág 186)

O sintagma *por-baixos* migra da categoria de locução adverbial para a de substantivo (com hífen indicador da maior integração morfo-semântica e com marcas de

plural), para então funcionar como sujeito de *faziam*. Essa transposição é uma das marcas mais fortes da estruturação sintática de CL.

Transposições semelhantes se podem ver também nos recortes (8), (9), e (10), em que os sintagmas atuam agora na função de adjuntos adverbiais no discurso.

8. O herege enrolou a pessoa dele, meteu o braço do crioulo no por onde costuma trabalhar a perna, apertou, amassou, fez nó de marainheiro e varejou a mercadoria fora (pág. 10)

9 Charuto na boca, mãos no detrás das costas, medi a sala em passo militar (pág. 36)

10 Coisa acontecida num longe antigamente, que nem o lobisomem era de existir mais de corpo inteiro (pág. 39)

De natureza diversa é o fenômeno que se analisa em (11) abaixo, embora a marca da substantivação e da transposição categorial recorrentes em JCC também se revele.

11 Era até de pensar que a moça professora, vendo o meu todo respeitoso [...] cuidasse de ser eu despreparado para um namoro de repuxão, desse de segura-mais-embaixo-e-olha-a-aporta-que-pode- vir-gente (pág. 79)

Tem-se nesta amostra um tipo de nominalização e de transposição de categoria que criam um fenômeno morfológico e, simultaneamente, um fenômeno sintático que consiste em fazer funcionar como complemento direto um termo não prototipicamente substantivo

Do ponto de vista semântico, a compreensão do sintagma substantivado nesta amostra, assim como em (8), (9) e (10), se assegura em parte por uma orientação pragmática, ou seja, uma correlação entre forma e sentido no contexto discursivo: certas situações estereotipadas são codificadas como se fossem uma só palavra. Trata-se de uma experiência da linguagem no uso, e não apenas da simples combinação dos sintagmas na estrutura lingüística.

Essa correlação pragmática assegura também a compreensão de seqüências com feições morfossintáticas de subordinadas substantivas, aparentemente desacompanhadas da oração principal. Trata-se de estruturas motivadas mais por fatores de ordem discursiva do que gramatical. São estruturas marcadas, decorrentes, entre outras motivações, de um certo tipo de discurso indireto livre, que marca o texto de JCC

É o que se pode observar nas seqüências grifadas nos recortes (12), (13) e (14) abaixo:

12 Sua voz de atulhar os recintos mais largos, feita de todas as brutezas dos ermos, saltou em defesa do fogareiro da pintada. Que eu desculpasse, mas que muito povo do sertão, gente sem mentira e invencionismo, viu o alumiado, isso viu. (pág. 30)

13 O primo, que gozava o palito da digestão em cadeira preguiçosa, sem sair de seus confortos, armou deboche. Que eu deixasse a barba de lado e cuidasse da barriga... (pág. 64)

14 Em verdade, nunca que o gatilho do major chegasse perto do meu (pág. 162)

Outro efeito morfossintático interessante tem-se em [15] abaixo em que se assinala uma seqüência que representa a categorização de uma situação estriotipada

15 Mirou o dono com ar tristenho de quem estivesse dizendo adeus-vou-embora, pedindo desculpas por tão grande desgosto...(pág. 135)

O sintagma substantivado com hifens se emprega como objeto de *dizendo*, numa relação tanto não-oracional – como unidade lexical criada com os hifens, que funciona como complemento do verbo – como numa relação oracional, caso em que a seqüência *adeus-vou-embora* mantém traços prototípicos do discurso direto (e assim traços de um objeto oracional).

A cláusula-complemento sugerida pelo sintagma estabelece com a seqüência anterior uma relação de natureza discursiva, ou seja, uma relação diversa da que normalmente se estabelece entre estruturas de encaixamento, em que em geral cada forma se relaciona com um sentido e uma função. Na estrutura de JCC, os termos se articulam, adquirindo um sentido estrutural, fortalecido pelo contexto.

16. **A velha muito prezou o meu severismo e prometeu torcer a orelha da abusada (...). Por ser da pá-virada, foi remetida à madrinha, de modo a perder as sapequices e o mal-educamento. Mas o que ela mais sabia fazer era tingir a cara de urucu e avantajajar o atrás:**

³/₄ **Sem pejo maior ainda não vi (pág. 84)**

O sintagma *sem pejo* traduz, no contexto acima, uma característica importante do procedimento discursivo de JCC. Prototipicamente exprime valor de adjetivo (como em, por exemplo, *Declaração sem pejo*), ou valor adverbial, como em *Declarar-se sem pejo*. No emprego do autor, o sintagma flutua da categoria adjuntiva de adjetivo – de uso regular – para a categoria mais nuclear de substantivo (no sentido contextual de *descaramento* – *Descaramento maior*), e assim de uma função própria de *adjunto* para a função de *objeto*

Numa função completiva para a forma verbal *vi*, o sintagma *sem pejo maior* perde parte de sua capacidade de reforçar aspectos gramaticalmente definidos do discurso, tal como faz enquanto locução adjetiva (parte do discurso qualificativa apenas em relação ao nome substantivo) ou enquanto locução adverbial (sintagma acrescentativo de circunstância a um verbo). Na transposição de categoria, o sintagma substantiva-se e assume a função de complemento.

Processo de adverbialização

Os demais fenômenos analisados nesta seção seguem, na sua maioria, um processo que chamamos de adverbialização, já que a flutuação morfossintática, embora em alguns casos apresente semelhança de função com casos anteriores, parte de outras funções para a função desempenhada por um advérbio.

17 **Em tarde de procissão era o primeiro a aparecer, todo barba brilhosa, para puxar o andor (pág.13)**

Considerando o sintagma *barba brilhosa*, cada item mantém internamente sua autonomia categorial: *substantivo* + *adjetivo*. Na articulação sintática, o sintagma, intensificado por *todo*, forma uma expressão única de valor adverbial que acrescenta uma circunstância modalizante para o verbo *aparecer*.

A relação sintática nesta amostra envolve, entretanto, muito mais do que uma relação de itens. O contexto específico em que ocorre o sintagma tem papel preponderante, numa estrutura pragmaticamente motivada. A articulação não prototípica da forma *barba brilhosa*, e não apenas os aspectos propriamente morfossintáticos, evidencia a relação pragmática da forma, ou seja, a relação entre o sintagma e o sentido que adquire no contexto.

18 Morreu Fonseca, morreu o ano. Destratedi Padilha, do sujeito requerer socorro, gritar pelas autoridades. Vendo meirinho sobre meirinho no meu calcanhar, pensou o capataz do Hotel do Estrangeiros que era chegada o fim do coronel.(pág.282)

A seqüência grifada, de estrutura morfossintática freqüente em nossa prática lingüística regular, ocorre no discurso de JCC numa relação adverbial consecutiva com *Destratedi o Padilha*, com elipse do termo de valor intensivo *tanto* e apresentação lingüística da seqüência em forma reduzida. Tem-se uma forma marcada que indica, em complexidade cognitiva, a consecução adverbial de *Destratedi tanto o Padilha de o sujeito requerer socorro, gritar pelas autoridades*.

19 Como o doutor da minha cura estipulasse banho de mar, manhãzinha raiada, eu tirava asseio de água. A onda vinha, crescia, criava crista – e desovava no cabeludo do meu peito (pág 92)

O item **cabeludo** tornou-se parte complexa no discurso de JCC, em virtude da flutuação de margem e de função. O item é prototipicamente um adjetivo (portanto, de valor marginal) que flutua para a categoria de substantivo (de valor central), na sua relação sintática com o artigo que o define e rege.

Com a flutuação categorial e a relação sintática, o termo **cabeludo** adquire um sentido pragmático, isto é, marcado pelo contexto, e um valor adverbial locativo. Nesse desempenho discursivo, o item lexical parece conservar marcas de adjetivo. Trata-se, portanto, da flutuação categorial como uma espécie de *superposição categorial*.

20 Estive quase conta-não-conta o caso da sereia da águas, o que não fiz por achar que peripécia doa areais não calhava em recinto tão educado. (pág.113)

O sintagma que analisamos nesta amostra revela rumos diferentes de organização funcional do discurso de JCC. A transposição categorial do sintagma *conta-não-conta* apresenta uma organização morfossintática que revela um desdobramento do discurso JCC que interessa à nossa pesquisa. Sintaticamente, é possível ver no sintagma uma certa estrutura oracional que passa a ser utilizada como um termo de valor adverbial circunstancializando o verbo *estive*, com valor semântico modalizante.

Aspecto funcional semelhante a esse pode ser visto também na passagem (21) abaixo:

21 Andei vai-não-vai para soltar o ferrão da língua nos costados deles todos, cambada de mariquinhas, magote de assombrados (pág. 100)

Nesta amostra, a organização sintática (grifada) de valor adverbial circunstancializa o verbo *andei*

22 Riu e logo voltou ao seu natural safadoso, sem-vergonhista (pág. 157)

Note-se que o sintagma grifado, que são formas estereotipadas codificadas por preposição, e utilizadas como marcadas pelo autor, tem traços prototípicos de adjetivo numa relação sintática com *natural*, mas conserva valor adverbial numa relação com núcleo *voltou*, ou ainda (considerando a pausa) numa relação com todo o período.

23 Carreguei o desarvorado para os sozinhos do fundo do terreiros e nesse sossego, na sombra de um pé de oiti, chamei o bicho às responsabilidades (pág. 135)

Neste contexto, o item lexical *sozinhos* desloca-se de sua categoria prototípica de adjetivo para a categoria de substantivo, para então assumir a categoria sintática, marcada, de valor adverbial locativo. Embora simples em relação a outros, esse caso é também exemplificativo daquilo que em nossa proposta chamamos de flutuação categorial na estrutura gramatical de CL.

Correlação apositiva na morfossintaxe de JCC

Nas amostras seguintes, os sintagmas assinalados exprimem valores semânticos próprios de certos advérbios, mas atuando numa correlação apositiva na estrutura. Classificam-se como apostos circunstanciais. Servem como exemplos as seguintes amostras:

24. Foi assim, pouco casista, que arrematei minha palestrinha com a embaixada do lobisomem (pág. 175)

Os termos grifados representam um fenômeno morfossintático complexo: *pouco casista* não se conforma a uma única categoria gramatical ou sintática: tem valor adjetivo em relação ao sujeito de *arrematei*, valor apositivo em relação a *assim*, e valor adverbial modalizante em relação ao verbo *foi*. Nesta correlação apositiva circunstancial, é observável uma marca semântico-sintática da estrutura: o sintagma analisado se emprega no sentido de *com pouco caso* (*Foi assim, com pouco caso, que arrematei...*)

Nessa flutuação, as categorias de adjetivo e advérbio alternam-se, sem abandonar inteiramente traços prototípicos, no que chamamos aqui de *superposição categorial*, ou seja, migração categorial, sem perdas de traços prototípicos, causando uma situação de convivência de traços de distintas categorias.

25 Nem demorou duas linhas, logo no rabo dos cumprimentos (“como-vai-como-tem-passado-o-coronel?”), tive o primeiro desgosto (pág.78)

É observável em (9) a transposição na estrutura grifada, representada por uma síntese discursiva (hifenada), formada por sintagmas substantivados que se agrupam para assumir valor apositivo em relação a *cumprimento*, mas que conservam, numa perspectiva semântica, traços da natureza do discurso direto. Em termos discursivos, as aspas reforçam esses traços preservados no arranjo gramatical, ampliando a funcionalidade do discurso de JCC e criando um hibridismo em que se cruzam diversas vozes.

Essa organização da estrutura gramatical se evidencia na relação apositiva do sintagma *como-vai-como-tem-passado-o-coronel?* com seu antecedente *cumprimentos*.

Confirma-se aqui a hipótese funcionalista de que “a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa” (Cunha et alii, 2003. p.29).

Casos semelhantes se verificam nas passagens (26), (27), (28) e (29), abaixo:

26 Casava logo, que além de ser do gosto da família (“O-coronel-sabe-como-é-imposição-de-família”), vinha desencravar um bem-querer dos dias de brincadeira...(pág.78)

No exemplo acima, os termos grifados se substantivam para assumir valor apositivo em relação a *gosto de família*. A substantivação da seqüência fornece uma das características morfossintática da aposição, que é um termo ou expressão de base nominal que retoma um termo de base igualmente nominal.

27 Assim, sem rumo, rolei espora e roseta na poeira de Santo Amaro, sempre admirado de uns e outros, que a uns e outros eu salvava em cumprimentos de tirar o chapéu, boa-tarde-como-vai-como-anda-a-obrigação.(pág. 74-75)

Os termos grifados se nominalizam para assumir uma função que nos parece apositiva em relação a *cumprimentos de tirar o chapéu*.

Neves (1997: 104) afirma, citando Croft, que em estruturas dessa fluidez “a estrutura lingüística reflete de algum modo a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo, incluindo (na maior parte das visões funcionalistas) a perspectiva imposta sobre o mundo pelo falante”. Então cabem as perguntas: por que JCC usaria essas formas de valor apositivo? Estaria revelando, através das mesmas, o discurso direto das personagens? Estaria, de certa forma, “oralizando” seu texto? Entrecortaria sua voz com outras vozes, compondo a tessitura textual, permeando-a de interlocuções? Essas são reflexões interessantes sobre o discurso do autor com base em sua morfossintaxe.

Na análise de estruturas gramaticais em *corpus* literário, como o nosso, essas questões de intencionalidade e propósitos comunicativos são muito mais latentes, porque a *experiência de mundo* refletida de algum modo pela estrutura gramatical depende em parte da interação com leitor. Essa interação é aproveitada em nossa

pesquisa apenas enquanto parte do contexto discursivo em que se motivam os fatos da língua.

28. Num estalo, Tutu lembrou-se que tinha acamado a encomenda junto da caixa de sanativos, na companhia de uma papelada do Dr. Caetano de Melo. E ligeirinho, com-licença-coronel, venho-já-coronel, sumiu na escada (pág. 78)

Os termos grifados são elementos funcionais que avançam de um arranjo sintático a uma expressão mórfica, de valor apositivo circunstancial. É em virtude desse valor circunstancial que o sintagma apositivo conserva certa função adverbial do termo que retoma. Na estruturação do autor, as duas expressões grifadas migram da sintaxe para a morfologia e daí para o discurso, para formar sintagmas de valor adverbial que acrescentam uma circunstância de modo ao verbo *sumiu*. Note-se que nesta amostra, as vírgulas – que estão ausentes em [25] e [27] – marcam a intencionalidade do autor, que deseja mostrar certa pluralidade normalmente exigidas pelos gestos de cumprimento de quem é admirado de *uns e de outros*

Semelhantemente aos que se viu em [25] anteriormente, também aqui as seqüências *com-licença-coronel, venho-já-coronel* mantêm certas características prototípicas do discurso direto.

Essa marca estrutural com síntese discursiva criada por hífen é recorrente o bastante para indicar em JCC uma tendência na correlação entre sintaxe, semântica e pragmática, e na correlação entre forma e função. Em alguns casos, de mesma configuração morfosintática, a seqüência nominalizada é típica da fluidez do discurso de CL.

Casos semelhantes se pode perceber em [29], [30] e [31] abaixo

29. No justo momento de agir (“sim senhor, aceito a proposta, Seu Fonseca”), o danado do coração dos Azeredos negaceou, mastigou o tiro (pág.197)

Nesta amostra, é notável que o sintagma grifado, que está numa co-referência apositiva com *agir*, conserva no contexto a marca discursiva da adverbialização, com um valor semântico modalizante de todo o sintagma grifado em relação a *negaceou* (= *dissimular uma negação com palavras lisonjeiras, fingidas*).

30 Fontainha servia de leva-e-traz entre o escritório e a Rua dos Frades. E era recadinho (“O coronel vai ter surpresa no domingo”), e era ramo de flor para enfeite de minha nessa...”

Numa correlação apositiva com *recadinho*, o sintagma grifado parece preservar no discurso de CL valor adverbial, circunstanciando o sintagma *servia de leva e traz*.

31. Casava logo, que além de ser do gosto da família (“O-coronel-sabe-com-é-imposição-de-família”), vinha desencravar um bem-querer dos dias de brincadeira de escondido, dos seus verdes-anos-de-menina (pág. 78)

No exemplo acima, os termos grifados, portotipicamente oracionais, transpõem-se para a categoria de substantivo, para assumir valor apositivo em relação a *gosto de família*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A funcionalidade da estrutura de *O coronel e o lobisomem* é resultado de uma morfossintaxe que reflete não apenas uma prática comum de codificação e decodificação, ou seja, um processo de seleção de itens lexicais para articulação textual. O autor parte de mecanismos morfossintáticos existentes e de situações estereotipadas para fazer o inusitado. A funcionalidade é também fruto de uma capacidade que os indivíduos têm de usar e interpretar as estruturas de modo pessoal e inteiramente satisfatório.

As estruturas marcadas, recorrentes na obra, são parte importante dos fatores de valorização do contexto pragmático-discursivo e de contribuição para a compreensão da língua como estrutura maleável. Ordenam-se itens lexicais numa relação sintáticas, numa relação semântica e numa relação pragmática de maneira intencional, não arbitrária, para refletir a experiência dos sujeitos do discurso (o coronel e sua gente).

Confirma-se assim a hipótese de que as flutuações categoriais são articuladas nesse texto como suporte para a configuração do inusitado, concorrendo para a configuração das singularidades da expressão do autor. As flutuações categoriais decorrem do uso que se faz da língua, numa relação motivada entre a forma e o sentido. O inusitado pode ver-se numa relação com a liberdade que parece estar implícita na articulação morfossintática que serve ao propósito para o qual a língua é empregada.

Por outro lado, os recortes que apresentamos têm todos em comum uma estruturação funcional marcada que, por isso mesmo, tende a ser complexa. É isso que, no nosso entender, torna igualmente complexos alguns dos critérios de análise e descrições utilizados pelo funcionalismo no seu empenho de identificação dos princípios que explicam o caráter icônico da linguagem humana, isto é, o caráter não-arbitrário da relação entre estrutura e função na linguagem.

Diríamos que a estrutura gramatical dos recortes que analisamos confirma, de fato, a tensão entre a expressão lexical e a codificação sintática, sujeita a restrições. Não há como remediar uma certa contradição entre a liberdade lexical-sintagmática e uma ampla estruturação e funcionamento da língua fundados numa regra gramatical fixa, como se a expressão lingüística – identificada no passado como retórica – surgisse de uma sistematização prescritiva gramatical. A riqueza das expressões lingüísticas produzidas pela mente humana impõe uma reflexão da língua baseada no uso

Demonstram-se, através de nossas análises, os dois aspectos funcionalistas mais importantes na orientação da pesquisa: (i) a contextualidade é a motivação para os fatos e (ii) a análise das condições discursivas e entrelaçamento entre sintaxe e semântica são indispensáveis na análise de fenômenos lingüísticos. Na contextualização como motivação dos fatos lingüísticos, destacou-se a importância da situação comunicativa como fator de contribuição para a aproximação do sentido desejado pelo propósito comunicativo do autor. Comprova-se a relevância desse aspecto na análise da estruturação gramatical de CL. No entrelaçamento entre sintaxe e semântica destacou-se a questão da estrutura sintática em constante mutação, numa relação com a capacidade que a língua tem de assumir formas diferentes em contextos comunicativos diferentes.

O que se observou aqui, a partir dessa natureza flexível da sintaxe, foram margens, fluidez e, de um modo especial, marcação, iconicidade, transposições de categorias que recolhemos em CL como pontos referenciais que serviram de base para o estudo descritivo de uma estruturação gramatical específica de uma linguagem em uso.

A estruturação gramatical da língua em uso em CL é um indicativo de que a relação formal das categorias, que aparentemente desempenham um papel secundário em comparação ao seu papel pragmático, pode resultar em transposições que trazem valores expressivos diferentes dos prototípicos, mas visíveis na interação. Para nós, é significativo observar que tais valores expressivos decorrem da fragilidade das fronteiras entre categorias gramaticais, antes que das estruturas rígidas. O *inusitado* a que nos referimos é o *novo*, que é decorrente dos efeitos expressivos e que se vai perdendo na recorrência do item lexical, sintagma ou seqüência frasal no plano discursivo.

Em virtude da complexidade nas variações funcionais das categorias gramaticais da obra, lançamos mão de um dos parâmetros mais importantes utilizados pelo funcionalismo no seu desempenho de identificação dos princípios que explicam o caráter icônico da linguagem humana, a saber, o caráter não-arbitrário da relação estrutura e função na linguagem.

Partindo desse paralelismo – estrutura e significado – chegamos ao que desejávamos demonstrar, ou seja, flutuações de categoria como suporte do inusitado, iconicidade e flutuações em recorrência do uso.

A língua, como estrutura maleável, sujeita à pressão do uso, é analisada através do uso interativo que se faz dela, expondo-se assim a necessidade de concomitância entre a análise de uma estrutura e o estudo da situação comunicativa. A exclusão desse

elemento semântico-discursivo implicaria uma abordagem da língua como faculdade humana, sim, mas excessivamente isolada em si mesma, num modelo de análise que tem sido questionado por lingüistas da corrente funcionalista.

Situação comunicativa, contexto e uso foram elementos fundamentais para a análise das estruturas gramaticais que destacamos em CL, já que assim estão presentes as condições comunicativas que motivaram a ocorrência das estruturas. As estratégias discursivas de que se utiliza o coronel para a prática da língua parecem se realizar sobretudo na relação icônica entre a expressão das categorias e o contexto discursivo de CL.

Uma das marcas mais singulares desse encadeamento são as transposições categoriais que analisamos, sobretudo porque dão uma noção importante da amplitude de funcionalidade e prototipicidade na estrutura lingüística, que pode ir desde os usos sistematizados no trato cotidiano de utilização lingüística – estruturas não-marcadas – até o inusitado, que são estruturas marcadas, apresentadas na obra de José Cândido de Carvalho.

A contribuição de nosso trabalho é uma reflexão sobre a língua como instrumento de comunicação, ou seja, a língua como produto de seu desempenho na interação humana. No nosso caso, partimos dos mecanismos morfossintáticos para a reflexão, priorizando as funções, que em nossa pesquisa passa pelos termos: (i) *nominalização*, nome com que descrevemos o deslocamento de uma unidade gramatical, ou sintagma, de sua função mais prototípica para uma função menos prototípicas, ou não prototípica, de substantivo; (ii) *adverbialização*, nome com que descrevemos o fenômeno que envolve substantivo (ou termo substantivado), sem preposição regente, em categoria e função de advérbio.

Em última análise, procurou-se mostrar que a codificação morfossintática está ligada ao uso da língua. As transposições categoriais foram uma particularidade importante que revelaram a oscilação de categorias e funções, fortalecendo a concepção básica de língua como estrutura maleável de gramática com um conjunto que não se estabiliza.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Gilberto; *Depois da Política*. Coleção 1ª Edição, Rio de Janeiro, 1987
- AZEREDO, José Carlos de; *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990
- BERND, Zilé; *O universo maravilhoso do coronel: uma leitura de O coronel e o lobisomem*, in *O maravilhoso como ponto de convergência entre a literatura brasileira e as literaturas do Caribe*. Rio Grande do Sul: UFRGS/CNPq, 1997
- BOSI, Alfredo; *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994
- CARONE, Flávia de Barros; *Subordinação e Coordenação, confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 2001.
- _____, *Morfossintaxe*, 5ª ed., São Paulo: Ática, 1995
- CARVALHO, José Cândido de; *O coronel e o lobisomem*. 34ª ed., Rio de Janeiro, 1985 Jose Olímpio.
- CASTILHO, Ataliba T. de; *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2001
- DUBOIS, Jean; *Dicionário de lingüística*. s.v. **referente**, São Paulo: Cultrix, 1978
- FURTADO da Cunha, Maria Angélica et al; *Lingüística funcional, teoria a prática*. Rio de Janeiro: DP& Editora, 2003
- FURTADO da Cunha, Maria Angélica; *Procedimentos discursivos na fala de Natal*. Natal: EDUFRN, 2000
- JOTA, Zélio dos Santos; *Dicionário de lingüística*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1981
- KOCH, Ingedore Villaça et al; *A coerência textual*. São Paulo, Contexto, 1996
- LOPES, Carlos Alberto Gonçalves; *Lições de Morfologia da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tipô Carimbo, 2003
- LUFT, Celso Pedro; *Gramática Resumida*. 10ª ed, Rio de Janeiro: Globo, 1975
- MACEDO, Alzira Verthein Tavares de; *Funcionalismo*. *Veredas* 1 (2), 1998
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; In: Furtado da Cunha, Maria Angélica et al; *Lingüística funcional, teoria a prática*. Rio de Janeiro: DP& Editora, 2003
- MARTINS, Nilce Santana; *Introdução à estilística*. São Paulo: T.A. Queiroz , 2000
- NEVES, Maria Helena de Moura; *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- NICHOLS, Johanna. *Functional theories of grammar*. *Annual Review of Anthropology*,

13: 97-117, 1984

PRETI, Dino; *Estudo de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004

PROENÇA, M. Cavalcanti; in *O coronel e o lobisomem*. 34^a ed., Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 1985

QUEIRÓS, Raquel de; *Prefácio* in *O coronel e o lobisomem*. 34^a ed., Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 1985

TRASK, R. L; *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004

TAYLOR, John R; *Linguistic Categorization prototipe in linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 1995

VOTRE, Sebastião Josué; *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Fac. Letras/UFRJ, 2004

ANEXOS

1 De noite, depois do enterro, que foi cerimônia de ser vista e ouvida, jantei tristeza na mesa larga do Sobradinho. Pág. 16

2 Nesse entrementes, eu já graúdo de quinze anos, uma tosse-comprida jogou a prima Sinhá na cama, do qual sofrimento nunca mais saiu” (pág.5)

3 Logo pensei no surucucu que de uma feita picou a perna do raçudinho e da qual ofensa ele nunca mais esqueceu.(pág. 165)

4 Trato as partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual porte, abro o peito:... (pág.3)

5 Já morreu o antigamente em que Ponciano mandava saber nos ermos se havia uma caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a ministrar. (pag. 3)

6. Sobreveio disso uma frouidão de todas as minhas forças, uns esfarinhamentos de todo o meu por dentro. (pág.105)

7. Em ponta de pé, atrás de Dona Esmeraldina, eu ganhava o jardim. Pelos corredores, sem testemunhas de acusação, eu podia apreciar o vaivém que os porbaixos da moça faziam nos panos.(pág 186)

8. O herege enrolou a pessoa dele, meteu o braço do crioulo no por onde costuma trabalhar a perna, apertou, amassou, fez nó de marainheiro e varejou a mercadoria fora (pág. 10)

9 Charuto na boca, mãos no detrás das costas, medi a sala em passo militar (pág. 36)

10 Coisa acontecida num longe antigamente, que nem o lobisomem era de existir mais de corpo inteiro (pág. 39)

11 Era até de pensar que a moça professora, vendo o meu todo respeitoso [...] cuidasse de ser eu despreparado para um namoro de repuxão, desse de segura-mais-embaixo-e-olha-a-aporta-que-pode-vir-gente (pág. 79)

12 Sua voz de atulhar os recintos mais largos, feita de todas as brutezas dos ermos, saltou em defesa do fogareiro da pintada. Que eu desculpasse, mas que muito povo do sertão, gente sem mentira e invencionismo, viu o alumiado, isso viu. (pág. 30)

13 O primo, que gozava o palito da digestão em cadeira preguiçosa, sem sair de seus confortos, armou deboche. Que eu deixasse a barba de lado e cuidasse da barriga... (pág. 64)

14 Em verdade, nunca que o gatilho do major chegasse perto do meu (pág. 162)

15 Mirou o dono com ar tristenho de quem estivesse dizendo adeus-vou-embora, pedindo desculpas por tão grande desgosto...(pág. 135)

16. A velha muito prezou o meu severismo e prometeu torcer a orelha da abusada (...). Por ser da pá-virada, foi remetida à madrinha, de modo a perder as sapequices e o mal-educamento. Mas o que ela mais sabia fazer era tingir a cara de urucu e avantajar o atrás:

³/₄ Sem pejo maior ainda não vi (pág. 84)

17 Em tarde de procissão era o primeiro a aparecer, todo barba brilhosa, para puxar o andor (pág.13)

18 Morreu Fonseca, morreu o ano. Destratei Padilha, do sujeito requerer socorro, gritar pelas autoridades. Vendo meirinho sobre meirinho no meu calcanhar, pensou o capataz do Hotel do Estrangeiros que era chegado o fim do coronel.(pág.282)

19 Como o doutor da minha cura estipulasse banho de mar, manhãzinha raiada, eu tirava asseio de água. A onda vinha, crescia, criava crista – e desovava no cabeludo do meu peito (pág 92)

20 Estive quase conta-não-conta o caso da sereia da águas, o que não fiz por achar que peripécia doa areais não calhava em recinto tão educado. (pág.113)

21 Andei vai-não-vai para soltar o ferrão da língua nos costados deles todos, cambada de mariquinhas, magote de assombrado (pág. 100)

22 Riu e logo voltou ao seu natural safadoso, sem-vergonhista (pág. 157)

23 Carreguei o desarvorado para os sozinhos do fundo do terreiros e nesse sossego, na sombra de um pé de oiti, chamei o bicho às responsabilidades (pág. 135)

24. Foi assim, pouco casista, que arrematei minha palestrinha com a embaixada do lobisomem (pág. 175)

25 Nem demorou duas linhas, logo no rabo dos cumprimentos (“como-vai-como-tem-passado-o-coronel?”), tive o primeiro desgosto (pág.78)

26 Casava logo, que além de ser do gosto da família (“O-coronel-sabe-como-é-imposição-de-família”), vinha desencravar um bem-querer dos dias de brincadeira...(pág.78)

27 Assim, sem rumo, rolei espora e roseta na poeira de Santo Amaro, sempre admirado de uns e outros, que a uns e outros eu salvava em cumprimentos de tirar o chapéu, boa-tarde-como-vai-como-anda-a-obrigação.(pág. 74-75)

28. Num estalo, Tutu lembrou-se que tinha acamado a encomenda junto dda caixa de sanativos, na companhia de uma papelada do Dr. Caetano de Melo. E ligeirinho, com-licença-coronel, venho-já-coronel, sumiu na escada (pág. 78)

29. No justo momento de agir (“sim senhor, aceito a proposta, Seu Fonseca”), o danado do coração dos Azevedos negaceou, mastigou o tiro (pág.197)

30 Fontainha servia de leva-e-traz entre o escritório e a Rua dos Frades. E era recadinho (“O coronel vai ter surpresa no domingo”), e era ramo de flor para enfeite de minha nessa...”

31. Casava logo, que além de ser do gosto da família (“O-coronel-sabe-com-é-imposição-de-família”), vinha desencravar um bem-querer dos dias de brincadeira de escondido, dos seus verdes-anos-de-menina (pág. 78)